



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

# Coisas da terra

histórias de movimento e luta no assentamento Olga Benário, MG.

Orientando: Thiago Lourenço Padovan  
Orientador: Prof. Juliano de Oliveira Pires

VIÇOSA / MG  
JUNHO DE 2008

THIAGO LOURENÇO PADOVAN

# Coisas da terra

histórias de movimento e luta no assentamento Olga Benário, MG.

Viçosa, 15 de junho de 2008

## BANCA EXAMINADORA

Presidente

\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Juliano de Oliveira Pires (UFV/MG)

---

1º Membro

\_\_\_\_\_  
Leonardo Vilaça Dupin (UFV/MG)

2º Membro

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Irene Maria Cardoso (UFV/MG)

## **Agradecimentos**

A meus pais, Neide e Luis, que tanto amo, pelo afeto, pela preocupação, pelo entendimento e pela educação que me fez trilhar passos melhores, mais largos, sempre à esquerda.

A toda minha família, em especial, à minha irmã Patrícia, ao vô Zé e à Tia Cidinha, pela sinceridade de apego e pelos conselhos fraternos.

A meus amigos, tanto de Viçosa quanto de Terra Roxa, pelo apoio incondicional, pelas brincadeiras saudáveis, pelas demonstrações de afeto e carinho.

Ao curso de comunicação, pelos ensinamentos profícuos e pela formação de alguns guerreiros em potencial.

Ao Juliano, à Ana Carolina, à Katchu e à Soraya, pelo entendimento, pela ajuda e pela compreensão, papéis indispensáveis aos verdadeiros mestres.

Aos estágios alternativos, pela ampla formação comunicacional e artística dispendidas e pelos cafés cheios de risos, solos e agroecologia.

Ao movimento estudantil, pelas mudanças de concepção, pela formação militante, pelo embasamento do real, pela alegria e pelo frio na barriga indispensáveis nas ocupações, atos públicos, EIVs e calouradas.

Aos moradores e moradoras do assentamento Olga Benário, pela atenção, pelo carinho, pelas histórias que contaram, pelo muito que me ensinaram.

Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra, pela luta, pela terra, pela esperança, pelos ensinamentos, pela consciência, pela coragem e pela força de saber que existe.

Não só agradeço. Dedico sem pestanejar.

A todos e todas vocês, que me trouxeram outra consciência do possível, através do diálogo, da troca, do encontro, do respeito, da amizade, do amor...

Fizeram-me acreditar com mais convicção e garra que a transformação é fruto do possível, e que o possível deve ser regado com esperança e utopia todos os dias.

Que os sonhos trilhem renovados caminhos.

Obrigado a todos e a todas!

Thiago Lourenço Padovan (Terra Roxa)

## **Resumo**

O projeto experimental “Coisas da Terra: histórias de movimento e luta no assentamento Olga Benário, MG”, procura contar, através da produção audiovisual, histórias de vida que remontem a trajetória dos/as militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), moradores/as do assentamento Olga Benário, localizado na região de Visconde do Rio Branco (MG).

Busca, através da poesia, da música, dos causos, das falas expressivas, do olhar sensível, da consciência e da utopia, reconstituir também os processos de formação de militância e de luta pela terra, pelos quais esses/as assentados/as passaram (e continuam passando), carregados de muita força, coragem e organização.

Palavras-chave: Documentário, MST, Memória, Identidade, assentamento Olga Benário.

*isso de querer  
ser exatamente aquilo  
que a gente é  
ainda vai  
nos levar além*

*(Incenso fosse música, Paulo Leminski)*

## Sumário

1. Introdução	06
2. Referencial Teórico	
2.1 Documentário, Memória e Identidade	09
2.1.1 Documentário: perspectivas sobre o real	10
2.1.2 A memória e o <i>nós coletivo</i>	13
2.2 A luta pela terra e a formação do MST	16
2.3 A vida no Olga Benário	19
3. Relatório Técnico	
3.1 Pesquisa	22
3.2 Pré-produção	23
3.3 Produção	25
3.4 Realização	26
3.5 Pós-produção	28
3.6 Equipe Técnica	29
3.7 Orçamento	30
3.8 Equipamentos	31
3.9 Dados do Material	32
4. Considerações finais	33
5. Referências Bibliográficas	36
6. Anexos	
6.1 Fotos do assentamento e dos entrevistados	38
6.2 Roteiro	41
6.3 Diário de Campo	73

## 1. Introdução

A tarde já ia embora, para deixar cair a noite nas terras da antiga fazenda Santa Helena, terra onde hoje fica o assentamento Olga Benário, localizado a 3 km do município de Visconde do Rio Branco (MG), próximo a Viçosa.. Acontecia, nesse momento, uma reunião de núcleo na casa de Dona Ely, moradora do assentamento há um ano e meio. Morava em Belo Horizonte, quando decidiu participar de uma reunião que os militantes, que faziam trabalho de base<sup>1</sup> nos bairros mais periféricos, explicaram como funcionava o Movimento. Foi assim que ela decidiu entrar, há quatro anos: através de uma reunião onde foram colocadas posturas diferentes daquelas que ela via na TV...

Pouco antes de acabar a reunião, Dona Dalva, que já havia passado por outros dois acampamentos, morado debaixo da lona preta durante quase três anos, junto de Dona Ely, sua amiga, ofereceu café e bolinhos de chuva a todos/as os/as presentes.

Nesse momento, Dona Marlene, uma outra assentada, viu que eu estava brincando com as crianças e começou a falar sobre os dois filhos, já adolescentes, que vivem em Belo Horizonte e do sonho de construir a casa própria, no lote que fora entregue no começo de 2008, para que os filhos pudessem morar junto dela e ter uma vida mais digna. Com o Dia das Mães próximo, ela disse que iria colocar “créditos” no celular e ligar para os filhos, já que a situação dos dois estava meio difícil lá na cidade grande. A esperança da casa construída e do “Feliz Dia das Mães” vindo dos filhos que não poderiam visitá-la eram as principais aflições do momento.

Seu Jair, um antigo morador do local, que trabalhou durante 18 anos para a usina que funcionava antigamente naquelas terras, conseguiu realizar, depois que o Movimento chegou a região de Visconde do Rio Branco, o sonho de ter um pedaço de terra onde pudesse plantar e colher, e se considera hoje um homem muito rico, pelo fato de possuir, ainda que no nome de sua mulher, Dona Ângela, os tão sonhados 12 hectares de terra boa e produtiva.

---

<sup>1</sup> O trabalho de base é uma das formas pelas quais o MST e outros movimentos sociais conseguem articular os trabalhadores e trabalhadoras propensos a entrar no movimento. Tratam-se de reuniões e espaços de formação onde são explicadas questões pertinentes ao movimento e às formas de integração. De acordo com Ranulfo Peloso da Silva (2001: 19) “retomar o trabalho de base é resgatar uma estratégia. É um caminho de luta e organização que envolve os próprios interessados no conhecimento e solução dos desafios individuais e coletivos”.

Ely, Dalva, Marlene e Jair. Nomes e pessoas comuns, mas com histórias diferentes de vida, e talvez com caminhos distintos, não fosse pelo inesperado encontro proporcionado pela integração destes homens e mulheres ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, mais conhecido como MST.

Esses trabalhadores e trabalhadoras, conhecidos popularmente como “sem-terra”, tal como explicita Bernardo Mançano Fernandes, “são camponeses expropriados, ou com pouca terra, os assalariados e os desempregados. São trabalhadores na luta pela reinserção nas condições de trabalho e de reprodução social das quais foram excluídos, no processo desigual de desenvolvimento do capitalismo” (FERNANDES, 2000: 32), portanto, fazem parte de uma classe social historicamente oprimida pela concentração da terra e dos meios de produção. O Movimento dos Sem-Terra (MST) congrega e organiza essa parcela da sociedade, para que esses indivíduos tenham oportunidade de reivindicar e lutar por acesso à terra, por reforma agrária e por uma sociedade mais justa.

Por se tratar de um Movimento Social Organizado de bastante visibilidade no cenário nacional, seja através das matérias veiculadas pela mídia de massa a cada ocupação que ocorre, ou através da mídia alternativa, quando acontece algum despejo ou ação da polícia ou de latifundiários insatisfeitos, muito já foi falado sobre o MST.

Geralmente, a grande mídia, atrelada aos interesses da burguesia detentora das terras e dos meios de produção, mostra as ocupações e demais ações do MST sob a égide do terrorismo e do vandalismo, sem ao menos buscar os motivos pelos quais estas ações são realizadas pelos integrantes do Movimento.

Na maioria das vezes, esses grandes conglomerados comunicacionais, caracterizados pela comunicação de massa, onde um pequeno grupo, detentor dos meios, transmite as informações de maneira vertical para uma maioria, que não tem vez e voz na produção desses materiais de comunicação, buscam, com essa transmissão parcial de informação, manter a hegemonia cultural, econômica, política e social dessa elite burguesa que procura defender, como explicita o jornalista José Arbex Jr., no livro organizado por Dênis de Moraes, *Por uma outra comunicação*:

“O monopólio da comunicação, exercido pelas corporações da mídia tem conseqüências políticas, culturais, sociais e econômicas de longo alcance e profundidade. Impede o debate plural e democrático das idéias, torna invisível – quando não ‘demoniza’ – atores e movimentos

sociais, padroniza comportamentos, constrói percepções e consensos segundo critérios e métodos não transparentes e não submetidos ao controle das sociedades. (...) Produz telejornais que adotam a linguagem das telenovelas e das peças publicitárias; novelas que fingem ser 'documentários' ou 'reportagens' sobre comunidades culturais e movimentos sociais (como o Islã ou o MST), e sobre os problemas do mundo contemporâneo (como o uso de drogas e o narcotráfico). Com isso, a mídia abre imensas possibilidades de manipulação do imaginário, ainda mais em países como o Brasil, onde a sociedade civil é extremamente frágil e exposta às relações não raro promíscuas entre as corporações e o Estado, e onde, em contrapartida, há um elevado índice de analfabetismo funcional e inexistência de uma tradição democrática, como resultado histórico da violência das elites contra as organizações e movimentos populares". (ARBEX in MORAES, 2003: 385).

É na tentativa de desmistificar essa tal "demonização", trazendo outras possibilidades de interpretação ao imaginário social, que este projeto procura abordar as histórias de vida citadas logo no início.

À primeira vista, esses relatos parecem ser muito simples, parecidos com muitos outros que ouvimos todos os dias, porém, quando os percebemos com outros olhos, enxergando também outras possibilidades de vivência que o Movimento traz à vida destes homens e mulheres, essas histórias tornam-se verdadeiros relatos de uma luta cotidiana, pelo indivíduo e pelo coletivo.

É por meio das lembranças, dos causos, da imagem, da música, da poesia, da vez e da voz que o documentário "Coisas da Terra: histórias de movimento e luta no assentamento Olga Benário, MG" pretende lançar outras interpretações acerca da atuação do Movimento Sem-Terra, partindo das visões e perspectivas de mundo formuladas por seus militantes, que nem sempre têm oportunidade de soltarem a voz e dizerem o que pensam nas matérias jornalísticas veiculadas antes dos "reclames do plim-plim"...

## **2. Referencial Teórico**

### **2.1 Documentário, Memória e Identidade**

Recordar é viver!

Esse jargão é recorrente em diversas rodas de conversas informais, dentre os mais diferentes guetos distribuídos pela sociedade, em especial quando alguém relembra algum fato que tenha importância para aquele grupo. Porém, pelo fato de ser corriqueira a utilização desta expressão, pouco refletimos sobre sua importância, já que, é a partir do momento que relembramos um fato, que temos a chance de reconstituí-lo, a partir das diferentes visões que compõe nosso grupo social, e que participaram ou não do determinado acontecimento.

Essa redescoberta, esse resgate da memória, confere a nós, seres humanos socialmente construídos, uma forma de trazer à tona não só nossa história, mas todo um contexto social em que estávamos (ou ainda estamos) envolvidos.

Recordar os fatos, recobrar as lembranças, para trazer luzes que clareiam os caminhos de nossa história, portanto, não é tarefa somente dos historiadores, cientistas ou filósofos, mas um fazer corriqueiro, que está presente no dia-a-dia.

Diversos elementos e símbolos presentes nesse contexto histórico-social que vivemos, nos indicam uma determinada forma de atuação na sociedade: as pessoas com que nos relacionamos, os assuntos que debatemos, as músicas que ouvimos, as roupas que usamos etc, têm relação com a linha que seguimos, com o grupo ao qual fazemos parte.

Daí, com todos estes elementos e símbolos, podemos criar o que muitos colocam com sendo uma “identidade”, seja ela individual ou grupal.

É partindo destes pressupostos, de que existem diferentes grupos na sociedade, com diferentes formas de atuação, diferentes costumes, hábitos e problemáticas, que podemos iniciar a discussão de como a reconstrução mnemônica, feita pelos integrantes desses grupos, podem reafirmar sua identidade, ao passo que a lembrança traz elementos do que já se foi e do que pode vir a ser.

Nesse sentido, são diversas as formas encontradas pelo homem na tentativa de rememorar os fatos, uma das mais atuais, ainda em vias de “popularização”, é a documentação audiovisual, que caracteriza-se pela utilização da

imagem em movimento atrelada ao som, na tentativa de lançar perspectivas mais próximas do “real”, a fim de reconstituir os fatos.

Por ser uma técnica de armazenamento que requer um aparato técnico e instrumentos, até certa medida, avançados, essa forma de documentação, diferente da escrita em papel e da fotografia, é utilizada, ainda, em poucas ocasiões, em especial pelo grupo social que caracteriza o foco deste trabalho, o MST.

Por esse motivo, antes mesmo de sair por um assentamento com uma câmera em punho registrando os momentos vivenciados por seus moradores, a opção por realizar um documentário que aborde o processo de luta pela terra e formação de militância em um assentamento do MST, requer, além do aprofundamento em relação ao histórico da luta pela terra no Brasil e à formação do Movimento, conhecimentos acerca do conceito de documentário, suas técnicas de produção e teorizações pertinentes.

Faz-se também necessária, para recobrar esses fatos vivenciados, uma análise acerca do conceito de memória, tanto individual quanto coletiva, já que, será a partir dos indivíduos e da reconstrução mnemônica que farão ao serem entrevistados (acerca de sua vida antes e depois de se atrelarem ao Movimento) que criarão, possivelmente, um panorama com elementos e representações simbólicas que constituam uma identidade coletiva dos moradores e moradoras do assentamento.

### **2.1.1 Documentário: perspectivas sobre o real**

O documentário, enquanto gênero cinematográfico, caracteriza-se pelo compromisso com uma dada realidade, onde, diferentemente do cinema ficcional, não se procura o direcionamento de atores através da elaboração de roteiros fechados (com falas e cenários artificiais), predominando entrevistas e imagens de ambientes naturais ou de arquivo. De acordo com Fernão Pessoa Ramos (2000: 6), “o discurso documentário seria uma narrativa com imagens, composta por asserções que mantêm uma relação, similar a esta, com a realidade que designam. E é neste sentido, que deve ser analisado em sua relação com o real que designa”.

Porém, deduz-se que essa dada realidade não é representada no documentário tal qual ela está colocada no mundo, já que a visão, a criatividade, o ponto de vista e a maneira pela qual o documentarista interage com a temática a ser

abordada fazem todo diferencial na construção da narrativa documental, como explicita Manuela Penafria:

A partir do momento em que se decide fazer um documentário, isso constitui já uma intervenção na realidade. É pelo facto de seleccionar e exercer o seu ponto de vista sobre um determinado assunto que um filme nunca é uma mera reprodução do mundo. É impossível ao documentarista apagar-se. Ele existe no mundo e interage com os outros, inegavelmente. O fim último é apresentar um ponto de vista sobre o mundo e, o mais das vezes, mostrar o que sempre esteve presente naquilo para onde olhamos, mas que nunca vimos. O documentário tem por função revelar-nos (aos intervenientes e aos espectadores) o mundo em que vivemos. Acima de tudo, um documentário transmite-nos não a realidade (mesmo nos louváveis esforços em transmitir a realidade "tal qual"), mas, essencialmente, o relacionamento que o documentarista estabeleceu com os intervenientes. (PENAFRIA, 2001: 7).

Em termos de narrativa, por se tratar de um gênero cinematográfico, que recorre, portanto, a procedimentos próprios do cinema (como escolha de enquadramento e iluminação adequados, edição, montagem, entre outros esquemas de elaboração), o documentário pauta-se por uma estrutura dramática, que, atrelada a estes elementos técnicos, produzem uma determinada visão, uma idéia que se tem sobre o tema pesquisado.

Nesse sentido, o olhar sensível que o documentarista lança sobre a comunidade, gueto social ou, como denomina Manuela Penafria, sobre o "interveniente", ajuda a delimitar a idéia que será transmitida pelo documentário ao espectador, daí a importância desse encontro com a alteridade, com o "outro", antes, durante e depois do trabalho feito em campo, pois é respeitando-o em sua diferença e compreendendo os processos de construção pelos quais os indivíduos entrevistados passaram e passam, que essa visão de mundo do documentarista pode ser sentida pelo espectador. Acerca desta elaboração da idéia documental enquanto valor socialmente construído pelo documentarista, Mauro Luciano de Araújo afirma:

A idéia ambiente, localiza significados, portanto, sua lógica aglomera certo valor. O mundo simbólico volta como referência, ditando quais imagens devem ou não devem ser usadas em determinado momento na história contada para que seja compreendida - a citada relação inquestionável entre filme e espectador. Estamos lidando com filmes do real, portanto com cenas que pretendem ser verídicas. Na cena que se

passa temos uma idéia que deseja presenciar o espectador no local do fato. Nas entrevistas, comuns em documentários, o processo de identificação que o entrevistador nos proporciona é claro; nas vistas, o olhar da câmera é nosso olhar curioso; nas situações, nos acontecimentos, estamos como espectador, atuando junto a todos aqueles que vemos no plano. (ARAÚJO, 2008: 7).

Vistas estas especificidades inerentes à construção documental, faz-se importante delimitar o tipo de documentário a ser realizado. Segundo Bill Nichols (2005) existem diversos modos de documentários:

a) Poético: coloca a representação da realidade de forma fragmentada. Não há preocupação com argumentação, localização no tempo e espaço ou apresentação aprofundada dos “intervenientes”.

b) Expositivo: os fragmentos da realidade são concatenados em uma lógica mais retórica e argumentativa. É o modo com o qual a maioria das pessoas se identifica, devido ao uso de diversos de seus elementos em noticiários de televisão, pois se dirige diretamente ao espectador, através de legendas ou falas que trazem a história contada à tona.

c) Observativo: o documentarista busca fazer as filmagens sem interferir nos processos que ocorrem no local. Tem-se a idéia de vermos exatamente o que acontece no momento, sem a ajuda de legendas ou narrações.

d) Participativo: remete à interação entre documentarista e interveniente, ou seja, a participação e intervenção do realizador do filme na realidade dos atores sociais. Com isso, seu ponto de vista fica mais evidente.

e) Reflexivo: há preocupação com o processo de negociação entre documentarista e espectador, aguçando a consciência sobre as representações de mundo colocadas no filme. Indaga as responsabilidades e conseqüências da realização do documentário tanto para o documentarista, quanto para o público e os atores sociais envolvidos no momento filmado.

f) Performático: a subjetividade toma maior espaço em detrimento da construção argumentativa lógica e linear. As combinações entre real e imaginário tornam muitas vezes o documentário autobiográfico, visto que o lado emocional e o engajamento do documentarista influem tanto na produção, quanto no impacto que a obra terá sobre o público.

Esta divisão é colocada para que possam ser percebidas as diferenças existentes entre as construções documentais, porém, a escolha de um destes modos não é fechada, podendo aparecer na obra mais de um deles, a depender das percepções e visões de mundo que o documentarista deseja transmitir ao espectador.

No caso do documentário proposto por este projeto, percebe-se predominância do modo reflexivo, já que este pretende trazer perspectivas diferenciadas a todos/as os/as envolvidos/as no processo (documentarista, interveniente e espectador), atentando-os quanto às problemáticas trabalhadas pelos militantes do MST, na busca por diferentes interpretações da realidade agrária brasileira.

Portanto, por se tratar de uma narrativa que trabalha com depoimentos e digressões que procuram contar uma história, concatenada num sentido lógico, “considerações acerca do passado e do presente são comuns nos documentários” (PENAFRIA, 2001: 2), daí a importância de se trabalhar as perspectivas e possibilidades colocadas pela memória na reconstrução destas histórias de movimento e luta do assentamento Olga Benário.

### **2.1.2 A memória e o *nós coletivo***

No que tange ao conceito de memória, Jacques Le Goff postula que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003: 419).

É nesse sentido, de resgatar e atualizar fatos, a fim de manter vivas informações importantes a um determinado grupo social que, segundo Le Goff (2003), o homem adquiriu mecanismos de preservação mnemônica.

Num primeiro momento, as sociedades consideradas “selvagens” tinham na oralidade, através de representações como o canto, a elaboração poética e os atos ritualísticos, por exemplo, uma forma de passar adiante os momentos e os saberes característicos de cada agrupamento, a fim de constituir uma memória coletiva, uma memória grupal.

Com a transição para a cultura escrita, essa memória coletiva é profundamente transformada, pois essa nova “aptidão intelectual” não se caracteriza como mais uma técnica apreendida, mas provoca mudanças no próprio psiquismo humano, na maneira de organizar conteúdos, já que a sucessão de signos lingüísticos colocados na tábula, na pedra ou no papel, prevê certa “ordem” na construção das narrativas, diferente das experimentadas quando da cultura primordialmente oral.

Nesse contexto evolutivo surgem diversos outros tipos de armazenamento da memória coletiva, que vão desde expressões como pinturas, afrescos, monumentos etc. que demonstram determinados momentos históricos até o surgimento da fotografia e, posteriormente, do audiovisual, enquanto formas de expressão artística e de documentação de um dado período histórico.

Vale salientar que estes poucos instrumentos e formas de reconstrução e preservação da memória citados são representativos de uma situação social e uma realidade material colocadas, ou seja, cada sociedade encontra as formas mais adequadas de conservar sua história, com os elementos concretos que possui. Porém, é importante observar que, apesar das diferenças existentes entre todos esses mecanismos de abordagem mnemônica e à maneira pela qual eles se manifestam nos diversos agrupamentos humanos ao longo da história, essa memória do grupo só pode ser acessada e constituída a partir dos indivíduos que fazem parte de um mesmo universo de representações, compactuando dos mesmos costumes, crenças, leis etc., portanto, a memória coletiva pode ser acessada a partir da memórias individuais e vice-versa.

Acerca dessa dualidade entre esses tipos de memória, Maurice Halbwachs (2006) pondera que, “para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006: 72), portanto, coloca-se essa necessidade da existência “outro” ou de elementos simbólicos constituídos socialmente para que essas lembranças e histórias venham à tona.

Se essas duas memórias se interpenetram com freqüência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva, nela se

deslocar e se confundir com ela em alguns momentos, nem por isso deixará de seguir seu próprio caminho, e toda essa contribuição de fora é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância. Por outro lado, a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas - evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 2006: 71 e 72).

Dessa forma, por constituir esse emaranhado de símbolos e signos provenientes de diversas memórias individuais, que representam e trazem unidade e identidade a um povo, “a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores das memórias e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 2003: 422).

É nessa lógica de poder e hegemonia que um grupo dominante exerce sobre outro, considerado dominado, que se demonstra a importância da memória coletiva, já que as supressões dos fatos, muitas vezes propositais por parte dos que estão no comando, levam muitos dos grupos dominados, incômodos por exercerem algum tipo de oposição ao regime vigente, ao esquecimento histórico.

Para Sylvia Caiuby Novaes (1993: 24) o resgate e afirmação de elementos simbólicos por parte destes grupos dominados, considerados por ela como minorias históricas (negros, mulheres, índios, homossexuais etc.), dão um novo sentido ao seu caráter e maior visibilidade social, trazendo, além de “uma ação política eficaz”, a criação de um *nós coletivo*, “identidade ‘ampla’ invocada sempre que um grupo reivindica uma maior visibilidade social face ao apagamento a que foi, historicamente, submetido” (NOVAES, 1993: 25).

O que se verifica é que a identidade só pode ser evocada no plano do discurso e surge como recurso para a criação de um *nós coletivo* (*nós índios, nós mulheres, nós negros, nós homossexuais*). Este *nós* se refere a uma identidade (igualdade) que, efetivamente, nunca se verifica, mas que é um recurso indispensável do nosso sistema de representações. (NOVAES, 1993: 24).

É nesse contexto amplo de reconhecimento de semelhanças e diferenças, que se pode perceber a articulação entre *poder e cultura*, entre a vontade de resgate da autonomia e os caminhos para se chegar até ela, que passam, necessariamente, pelas trilhas da cultura, pois é

exatamente no domínio da cultura que estes grupos (sejam mulheres ou índios) resgatam sua autonomia e reafirmam sua diferença. (NOVAES, 1993: 27).

É reafirmando essa diferença, que se pretende através do documentário, resgatar elementos da memória dos moradores do assentamento Olga Benário que indiquem traços dessa memória coletiva do local, constituindo esse *nós coletivo*, essa identidade de minoria, de sem-terra, “apagada” e retraída historicamente pela desigualdade instituída no campo brasileiro.

## **2.2 A luta pela terra e a formação do MST**

Em 1985, após encontros e reuniões entre lideranças de coletivos de camponeses de todo o Brasil, surge o primeiro movimento organizado de trabalhadores e trabalhadoras rurais sem-terra a nível nacional, o MST.

Porém, segundo Stédile e Görgen (1993: 14), a luta pela terra consta de muito antes dessa data. Os embates e revoltas pela posse de territórios para exploração agropecuária ocorrem em nosso país desde que os primeiros portugueses puseram os pés nessas terras, dividindo-as segundo as prerrogativas da Coroa Portuguesa, em capitânicas hereditárias e sesmarias (grandes extensões de terra doadas aos amigos da coroa).

Na verdade, a luta pela terra existe desde o dia em que os portugueses botaram os pés em nosso país. O domínio e a posse de áreas de terra fazem parte da formação das classes sociais e do poder econômico e político em nossa sociedade. Por isso, sempre houve muitos conflitos em torno da terra. (STÉDILE, GÖRGEN, 1993: 15).

Desde então, insurgem diversos conflitos ocasionados por essa divisão desproporcional de terras: desde os escravos fugidos (negros que habitavam os quilombos, áreas livres do comando do senhor) e indígenas revoltosos, que tiveram suas áreas desapropriadas.

Em 1850, com o advento da Lei de Terras, ficava permitido que as terras, antes propriedades da coroa, pudessem ser compradas pelos indivíduos que tivessem condições financeiras para pagar por elas. Com isso, ficava instituída pela lei a concentração de terras no Brasil, pois somente aqueles que já possuíam as

terras e a produção delas proveniente poderiam comprá-las, já que os negros e índios escravizados não tinham condições para tal feito.

Com a concentração fundiária instituída pela compra, insurgem diversos movimentos e lutas em várias regiões do país, ainda que localizados e sem uma organização concatenada e princípios e pautas de reivindicação aprofundados, que preconizam maneiras de ter acesso à terra e, minimamente, chamar atenção do poder público e da sociedade como um todo para o problema histórico dos “sem-terra”.

Em seu processo de formação, os camponeses sempre enfrentaram os coronéis-latifundiários e grileiros, se opuseram ao Estado representante da classe dominante, que construiu ditaduras para manter seu poder. Assim, a resistência camponesa manifesta-se em diversas ações que sustentam formas distintas e de modificam em seu movimento. São caminhos abertos e construídos no tempo e no espaço, e nesse marcha participam do processo de transformação da sociedade. Desde meados do século XX, novas feições e novas formas de organização foram criadas na luta pela terra e na luta pela reforma agrária: as ligas camponesas, as diferentes formas de associação e os sindicatos dos trabalhadores rurais. (FERNANDES, 2000: 32).

Porém, muitas destas lutas, apesar do avanço que proporcionaram à organização de trabalhadores e trabalhadoras, foram violentamente reprimidas, tanto pelo Estado burguês, que, através da figura das milícias armadas davam conta de desarticular esses Movimentos localizados, quanto pelos fazendeiros e coronéis, que protegiam “com as próprias mãos”, o direito à terra e à propriedade privada.

Com o golpe de 1964, essa situação de repressão e conflito no campo brasileiro se acirra, já que o governo militar, sob o pretexto de ameaça comunista, reprimia as Associações, Sindicatos e Movimentos de Camponeses, com a prisão, assassinato e exílio de centenas de lideranças.

Esse contexto torna-se mais problemático quando da implantação, nos anos 70, do modelo de desenvolvimento do campo (que vigora até os dias de hoje) conhecido como “revolução verde” ou “modernização conservadora”, reflexo da expansão do capitalismo no campo brasileiro, que preconiza em seu pacote desenvolvimentista a utilização do agrotóxico, do maquinário e dos insumos químicos na produção agropecuária. Essa nova forma de produzir ocasionou o aumento do êxodo rural e dos conflitos no campo, já que não havia necessidade de muita força de trabalho para produzir em grande escala, sendo muitos dos

trabalhadores e trabalhadoras assalariados dispensados e posseiros, arrendatários e meeiros<sup>2</sup> expulsos das terras que ocupavam.

Contudo, por mais que a repressão e o medo tenham vigorado durante esse período da história brasileira e, com isso, ocasionado a desarticulação de diversos Movimentos e Organizações Camponesas, a resistência de trabalhadores e trabalhadoras a esse processo de exploração do capital sobre o campo fez com que a luta pela terra se resignificasse e tomasse novos rumos com o fim da ditadura militar, culminando na articulação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

Ao reprimir a luta pela terra e não realizar a reforma agrária, os governos militares tentaram restringir o avanço do movimento camponês. Com a implantação do atual modelo de desenvolvimento econômico da agropecuária, apostou-se no fim do campesinato. No entanto, por causa da repressão política e da expropriação resultantes do modelo econômico, nasceu um novo movimento camponês na história da formação camponesa do Brasil. Aos que acreditaram no fim do camponês, não atentaram para o fato de que o capital não comporta somente uma forma de relação social, ou seja, o assalariamento. Ainda, a propósito, o próprio capital, em seu desenvolvimento desigual e contraditório, cria, destrói e recria o campesinato. É por essa lógica que podemos compreender a gênese do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra. (FERNANDES, 2000: 47).

Desta forma surge o MST, como continuação de um histórico de luta pela terra, fruto da resistência dos/as trabalhadores e trabalhadoras do Brasil.

As marchas, protestos em grandes centros urbanos, bloqueios de rodovias e as ocupações de prédios, praças públicas e, em especial, de latifúndios considerados improdutivos<sup>3</sup>, são as principais formas de luta encontradas pelo MST para que possa chamar a atenção do poder público e da sociedade em geral para o problema da concentração da terra, na tentativa de abrir portas para o debate mais aprofundado sobre a reforma agrária no Brasil.

---

<sup>2</sup> Estas categorias de trabalhadores e trabalhadoras rurais são caracterizadas pela forma com a qual fazem uso da terra. Na maioria dos casos esses camponeses dividem parte da produção ou simplesmente trabalham para o fazendeiro, mas, para todos os efeitos, por mais que aluguem ou recebam salário do patrão, não são proprietários de terra.

<sup>3</sup> O latifúndio é considerado improdutivo pelo fato de não cumprir com a razão social instituída na Constituição Brasileira para o uso da terra, que é de produzir alimentos para a soberania e alimentação do povo. A maioria dos grãos produzidos, como o milho e a soja, são para exportação, bem como o gado de corte criado nessas grandes extensões. O tamanho máximo do latifúndio é diferente em cada região do país, sendo definido de acordo com o módulo rural (menor unidade de terra onde uma família possa se sustentar) adotado em cada região, pois o tamanho do módulo depende de sua localização, do tipo do solo, da topografia, etc.

A ocupação já é, em si, um ato de desobediência civil diante das leis que estão aí. Os Sem Terra, porém, entendem que a lei que protege a propriedade particular de um latifúndio que concentra a terra, produz pouco e impede o acesso de milhões de pessoas à uma vida digna, é uma lei injusta. E que nenhum ser humano está obrigado a obedecer leis injustas. E a desobediência civil, desobedecer pública e deliberadamente uma lei considerada injusta é, há muitos séculos, um instrumento de luta dos movimentos populares contra leis e a favor da vida. (STÉDILE, GÖRGEN, 1993: 54).

A ocupação é legítima porque tem em vista a defesa da vida, dos instrumentos para conseguir a sobrevivência, porque é praticada por gente marginalizada pela sociedade, e se realiza em propriedades de quem as usa mal e não necessita delas para viver. Além do mais, a ocupação é feita como forma de pressão política, e não porque os ocupantes queiram aquela terra. (STÉDILE, GÖRGEN, 1993: 59).

É através do Movimento, que seus militantes colocam nesses espaços de luta o acesso à terra e a reforma agrária como premissas fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, já que, “os 3 milhões de pequenos proprietários que possuem menos de 10 hectares representam 53% do total, mas tem apenas 3% de todas as terras. Na outra ponta, 50 mil grandes proprietários representam apenas 0,83%, mas possuem 43,5% de todas as terras agricultáveis do Brasil” (STÉDILE, 1997: 21).

Sendo assim, atualmente, toda essa área está nas mãos dos maiores latifundiários do Brasil, enquanto existem 4,8 milhões de famílias sem-terra<sup>4</sup> que estão à espera de terra para plantar e colher. Dessas famílias, cerca de 150 mil<sup>5</sup> encontra-se em acampamentos espalhados por todo o país.

### **2.3 A vida no Olga Benário**

João Batista acha todos/as no assentamento “gente-fina”, não tem problema com ninguém. Juliana acha a vida no Olga tranqüila, tudo segue tranqüilamente. Vicente vê que a moradia ainda é um problema, pois mora num “barraquinho feito de barro”, e espera que o governo libere uma verba para os

---

<sup>4</sup> STÉDILE, 1997: 29

<sup>5</sup> De acordo com dados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra, divulgado em 14/07/2006. Disponível em: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=897>. Acesso em: 24 de abril de 2008.

moradores/as poderem construir suas casas. Relatos e mais relatos<sup>6</sup> de como é a vida em um assentamento do MST...

Fundado em quatro de julho de 2005, através da luta do Movimento Sem-Terra e pela posterior compra da terra realizada pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o assentamento Olga Benário tem muita história pra contar, porém, vale lembrar que a história dessas terras antecede em muito à fundação do assentamento.

Por mais de 100 anos, as terras pertenceram à Usina Açucareira Riograndense, porém devido à falência da mesma em 1996, os 820 hectares de terra, avaliados em cerca de R\$ 950 mil reais, foram a leilão, sendo vendidos por R\$ 350 mil reais a um fazendeiro viçosense.

Em pesquisa de conclusão do curso de graduação em Geografia realizada por Nogueira (2007), além do INCRA, outras entidades relacionadas ao Movimento Estudantil participaram do processo de constituição do assentamento “Olga Benário”:

A Fazenda Santa Helena foi uma área de produção de cana de açúcar pertencente à Usina Açucareira Riograndense, sendo adquirida pelo último proprietário através da carta de arrematação em 11 de julho de 1999. Segundo o Laudo Agrônomo de Fiscalização (2002), a produção do imóvel era voltada para a pecuária mista de leite e corte em regime extensivo de pasto. O Projeto de Assentamento (PA) Olga Benário foi criado pela Portaria nº 110 de 11 de outubro de 2005 da Superintendência Regional do INCRA do Estado de Minas Gerais. Porém, mesmo antes de sua criação, as famílias atualmente assentadas já a haviam ocupado devido a uma decisão do MST de vir para a Zona da Mata Mineira. Soma-se a isso o fato de que ela estava em processo de compra pelo INCRA. A ocupação ocorreu em 14 de julho de 2005, quando vieram as primeiras famílias e teve o apoio do Movimento Estudantil das Universidades Federais de Viçosa, Juiz de Fora e Ouro Preto, recebendo o nome de Comunidade de Resistência Olga Benário. As famílias foram legitimadas pelo INCRA no dia 4 de novembro do mesmo ano. (NOGUEIRA, 2007: 40).

O assentamento é dividido em três núcleos, chamados de “Santa Helena” (com 12 famílias), “União” (com nove famílias) e “Lênin” (com nove famílias). São realizadas duas reuniões da coordenação do assentamento por mês, onde são colocadas desde pautas como encontros e reuniões do Movimento e projetos

---

<sup>6</sup> Estes relatos iniciais são provenientes de percepções e falas expressadas durante as entrevistas realizadas com os/as assentados/as, entre os dias primeiro a três de maio de 2008.

realizados pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) no assentamento, até assuntos mais específicos, relativos à convivência no assentamento. Esses informes, então, são repassados pelos coordenadores e discutidos com o restante dos moradores nas reuniões dos núcleos, que acontecem um dia após a reunião da coordenação. Caso alguma das pautas não seja consensual entre todos/as os/as presentes na reunião de núcleo, a discussão retorna à coordenação do assentamento, que rediscute o problema.

Além do trabalho que cada família realiza em seu lote, são realizados trabalhos coletivos em áreas consideradas “sociais”, de utilização de todos/as do assentamento. Essas tarefas são realizadas durante dois sábados do mês.

Hoje vivem 30 famílias no Olga Benário, com lotes que vão de 12 a 20 hectares de terra para cada, dependendo da qualidade da terra adquirida. Um técnico do MST, formado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa, auxilia na organização da produção do assentamento. Devido ao grande número de demandas, serão contratados mais técnicos, para articular melhor as tarefas do setor de produção, cooperação e meio ambiente e do setor de educação.

### **3. Relatório Técnico**

#### **3.1 Pesquisa**

Salienta-se que antes de escolher o MST como foco do trabalho, foram feitas outras duas articulações diferentes, na tentativa de delimitar uma temática de trabalho, mas sempre com a pretensão de trabalhar com minorias históricas DAE com a realização de um documentário. Uma delas foi com os estudantes da Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAPF), em Acaiaca (MG), e outra com as mulheres do Programa Saúde da Família (PSF) do Bairro Nova Viçosa, em Viçosa (MG), através do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG).

Com intuitos, enfoques e perspectivas diferentes das colocadas no projeto com o MST, ambas as tentativas de realização do trabalho foram dificultadas tanto pela conjuntura em que se encontravam estes espaços de convívio (já que tanto a EFAPF quanto o PSF passavam por um processo de construção difícil, com alguns problemas nas comunidades onde atuam), quanto pela falta de afinidade com a delimitação da temática.

Este período de indecisão quanto ao objeto de estudo a ser abordado ajudou a resgatar sentimentos referentes a vivências anteriores, que levaram à escolha do MST, mais precisamente do assentamento “Olga Benário”, localizado a 3 km do município de Visconde do Rio Branco (MG), próximo a Viçosa.

Nesse sentido, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca do tema a ser abordado no documentário: o processo de luta pela terra e a formação do MST e do assentamento “Olga Benário”. Ainda nesse processo de pesquisa bibliográfica foram importantes as bases no conceito de documentário e nos conceitos de memória (individual e coletiva) e de identidade, para que fossem trabalhadas estas questões tanto durante a realização do documentário (das filmagens à edição) quanto nos espaços de diálogo com os assentados e assentadas, na tentativa de rememorar fatos importantes de suas vidas.

### 3.2 Pré-produção

Definida a temática desejada, foram feitos os primeiros contatos com o técnico do movimento para o setor de produção, cooperação e meio ambiente, Thomás Lopes Ferreira, que repassou o contato de algumas lideranças do assentamento, para que pudessem ser realizadas as primeiras conversas acerca da possibilidade de se realizar o documentário no assentamento.

A articulação com um dos dirigentes do assentamento indicados, Edilei Cirilo da Silva, foi importante no sentido de explicitar melhor as questões e as intenções pertinentes ao documentário, ajudando também a construir inicialmente quais pontos poderiam ser abordados.

Com essa aceitação por parte das lideranças de dentro do assentamento e apontados outros contatos de assentados e assentadas que poderiam auxiliar na construção do documentário, foi realizada uma primeira visita ao assentamento, bastante informal, no dia 16 de abril<sup>7</sup>.

Esse primeiro momento inserido no assentamento foi fundamental, tanto para perceber questões mais técnicas acerca dos espaços mais apropriados onde poderiam ser feitas as imagens, quanto para articular minha ida posterior para a realização das filmagens.

As assentadas Ely Fátima Batista Alves (Dona Ely, coordenadora de área) e Dalvina Soares Moreira (Dona Dalva, coordenadora de núcleo), recepcionaram-me naquele dia, indicando logo de relance que seria interessante para os moradores e para o Movimento ter esse relato audiovisual da vivência no assentamento e que poderiam ser realizadas entrevistas com quatro famílias diferentes.

Após este encontro, Dona Ely se prontificou a conversar com a coordenação do assentamento sobre o documentário, a fim de que todas as famílias soubessem da proposta. Ficou também de articular as entrevistas com as famílias e de conseguir um lugar onde eu pudesse ficar durante os dias de gravação.

Conversamos mais algumas vezes pelo telefone e ficou decidido que as filmagens poderiam ser realizadas durante o feriado de 1º de maio (Dia do Trabalhador), pois a maioria das pessoas do assentamento, segundo Dona Ely, estariam com maior tempo livre nestes dias.

---

<sup>7</sup> Veja detalhes da visita no *Diário de Campo*, que está entre os anexos (pág. 73).

Então, no dia 30 de maio, iniciou-se precisamente a fase de pré-produção do documentário, já que os diálogos anteriores com as lideranças do assentamento trouxeram diversos elementos, porém, ainda muito soltos.

O processo definitivo de decisão acerca dos objetivos que deveriam nortear a produção do material audiovisual, a escolha de quais assentados/as deveriam ser entrevistados/as (bem como os motivos destas escolhas) e o debate acerca da importância do projeto, foram colocados como ponto de pauta durante uma das reuniões de coordenação do assentamento, realizada no dia 30<sup>8</sup>.

Nesta reunião, viu-se que o projeto era importante primeiramente no sentido acadêmico, pelo fato de trazer elementos analíticos acerca das formas de organização e de luta lideradas pelo Movimento e, mais especificamente, pelo assentamento, e também, uma forma de conferir visibilidade à causa dos sem-terra no meio universitário.

O segundo ponto colocado foi a importância do documentário como material de divulgação acerca da realidade dos assentados/as (contrapondo-se à forma pela qual a grande mídia aborda o tema) e como instrumento de articulação e mobilização, para fins de trabalho de base.

Além destes dois objetivos, foi apontado que o vídeo deveria trazer os elementos que mais se aproximassem da realidade dos/as assentados/as, na tentativa de desmistificar a visão que a sociedade tem do MST.

Quanto à escolha dos moradores/as entrevistados/as, ficou definido enquanto critério de escolha, que seriam abordados três tipos diferentes de pessoas que vivem no assentamento:

- a) as pessoas que já moravam na região antes da chegada do MST;
- b) as pessoas que chegaram à região com o processo de ocupação e legitimação da terra;
- c) as pessoas que vieram morar no assentamento após o processo de ocupação e legitimação, quando a maioria das famílias já estava assentada, indicadas pelo Movimento para as vagas remanescentes.

Após algumas discussões e sugestões de nomes, ficou decidido que o documentário teria seis entrevistados/as, porém, ressaltou-se que durante o

---

<sup>8</sup> A relatoria da reunião com a coordenação do assentamento está entre os anexos (pág. 77).

processo de filmagens poderiam haver modificações, visto que deveria ser avaliada a possibilidade das pessoas citadas serem entrevistadas.

Vale salientar que esse processo de decisão por parte da coordenação, além de facilitar o trabalho de pré-produção, trouxe também um protagonismo da comunidade no sentido de lançar uma perspectiva dos assentados/as acerca do que gostariam de ver e sentir no documentário. Essa metodologia de participação da comunidade não era prevista da forma como ocorreu, porém, foi de essencial importância para que o trabalho fosse realizado de forma conjunta.

Vistas estas mudanças<sup>9</sup> que ocorreram durante a realização das filmagens, surgiram outras três pessoas interessadas em participar do documentário, totalizando nove entrevistados/as, que estão listados na Tabela 1 de acordo com os critérios definidos pela coordenação do assentamento:

<b>Tabela 1: Descrição dos/as Entrevistados/as</b>				
	<b>Entrevistado/a</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de Movimento</b>	<b>Filhos/as</b>
1 – b	Vicente de Paula Lima	47 anos	6 anos	Três
2 – a	Francisco da Silva Braga	49 anos	3 anos	Três
3 – b	Juliana Dias de Oliveira	41 anos	9 anos	Três
4 – b	José Miranda Cardoso	47 anos	4 anos	Dois
5 – b	Luzia Arifa Tigre	49 anos	4 anos	Cinco
6 – b	José Rodrigues Lima	51 anos	5 anos	Três
7 – a	João Batista Ribeiro	33 anos	3 anos	Três
8 – c	Ely Fátima Batista Alves	48 anos	5 anos	Cinco
9 – c	Dalvina Soares Moreira	66 anos	5 anos	Uma

O maior número de pessoas entrevistadas provenientes da “categoria b” foi evidenciado devido ao fato destes constituírem maior parte no assentamento, pois das 30 famílias, somente seis já moravam na região e outras seis vieram após a

---

<sup>9</sup> As referidas mudanças ocorridas durante o processo de filmagem estão presentes no *Diário de Campo* em anexo (pág. 73).

formação do assentamento, sendo que, portanto, 18 delas vieram com o processo de ocupação e legitimação da terra.

### **3.3 Produção**

Colocadas as ponderações pela coordenação do assentamento, foi realizada antes das filmagens uma conversa com cada um dos possíveis entrevistados/as, para explicar quais os objetivos do projeto e para que avaliássemos a possibilidade de realizar a entrevista diante da câmera.

Esta conversa inicial foi importante no sentido de esclarecer aos entrevistados/as a importância do projeto e também para conferir-lhes maior segurança ao falar perante a câmera, já que nenhum deles havia passado por essa experiência anteriormente.

Mediante a aceitação de todos/as ao convite para a realização da entrevista, foram agendados os dias que cada um estaria disponível.

Para conferir maior veracidade e diferenciação de cenários ao documentário, foram escolhidos ambientes ao ar livre, próximos às casas dos entrevistados/as. Essa escolha favoreceu a realização de cenas mais dinâmicas e conferiu maior liberdade de ir e vir aos entrevistados/as, pelo fato de estarem próximos de seus lares e do local onde trabalhavam.

Vale salientar, ainda no âmbito da produção, que os materiais utilizados para a gravação das imagens (câmera filmadora, microfones, extensão e tripé) foram cedidos pelo laboratório do curso de Comunicação Social, já que, para os devidos fins, colocava-se a necessidade de uma câmera semi-profissional e de aparatos técnicos que trouxessem o máximo de qualidade possível ao trabalho.

### **3.4 Realização**

Antes de iniciar as entrevistas com a câmera filmadora, foram recolhidos alguns dados sobre os/as entrevistados/as, como *nome completo, idade, estado civil, tempo de Movimento e se tem filhos/as ou não*.

Salientou-se também, com bastante calma, a importância de tentar fazer da entrevista um diálogo, uma conversa informal, descontraída, já que são pertinentes as dificuldades de apresentação dos fatos com determinada naturalidade

quando não se está habituado com a presença da câmera filmadora. Foi explicado também que não só nesta, mas em qualquer entrevista, o entrevistado/a pode ou não responder às questões levantadas da maneira que lhe convier, com os saberes, palavras e explicações que acharem mais convenientes.

As questões abordadas durante as filmagens foram elaboradas num sentido mais amplo, a fim de conferir aos entrevistados/as maiores possibilidades de diálogo e respostas possíveis. O conteúdo das mesmas foi traçado de acordo com os objetivos colocados pela coordenação do assentamento e através das conversas informais realizadas com diversos assentados/as, seguindo, primordialmente, a linha de análise proposta pelo projeto: traçar um panorama de como se deu o processo de construção da militância e de luta pela terra promovido/a pelos/as entrevistados/as.

Diante destas ponderações, foram formuladas as seguintes perguntas, dentre outros questionamentos mais específicos sobre a vivência dos/as entrevistados/as que surgiram durante as entrevistas:

- 01) Apresente-se da maneira que achar melhor.*
- 02) Como era sua vida antes de se integrar ao MST? Onde morava? Com o que trabalhava? Como era sua relação com o trabalho assalariado? E com o patrão?*
- 03) Como foi seu primeiro contato com o MST? Como entrou para o Movimento? Participou de outros processos de luta (como ocupações, marchas etc) antes de chegar ao “Olga Benário”?*
- 04) Que visão você acha que a sociedade como um todo tem do MST? Por quê? De onde você acha que vêm essa visão?*
- 05) O que mudou na sua vida após entrar para o Movimento?*
- 06) O que você espera do poder público, dos governantes, dos políticos em geral, em relação aos sem-terra?*
- 07) O que o MST representa para você?*
- 08) O que o assentamento “Olga Benário” representa para você?*
- 09) Como é a produção de alimentos aqui no assentamento? Vocês produzem para vender ou para comer?*
- 10) Quais os principais problemas que você vê aqui no “Olga”? Quais as soluções você encontra para resolver estes problemas? Se não houver, como espera que esses problemas possam ser resolvidos?*

11) *Você poderia mostrar um pouco do que a família produz? Poderia mostrar também onde você mora?*

As entrevistas foram realizadas individualmente entre os dias primeiro e três de maio e tiveram média de duração de 20 a 30 minutos para cada entrevistado/a<sup>10</sup>.

Duas entrevistas foram realizadas em dupla, pois duas entrevistadas, Ely Fátima Batista Alves e Luzia Arifa Tigre (Dona Luzia), preferiram enfrentar a câmera na companhia da amiga, Dalvina Soares Moreira, e do companheiro, José Miranda Cardoso (Seu Zé Miranda), respectivamente. A duração destas entrevistas em dupla foi superior a 30' (Ver Tabela 2).

<b>Tabela 2: Agendamento e Tempo das Entrevistas</b>			
<b>Data</b>	<b>Entrevistado/a</b>	<b>Horário</b>	<b>Duração</b>
01/05/2008	Vicente de Paula Lima	14 horas	26 minutos
02/05/2008	Francisco da Silva Braga	10 horas	19 minutos
02/05/2008	Juliana Dias de Oliveira	13 horas	30 minutos
02/05/2008	José Miranda Cardoso	15 horas	40 minutos
02/05/2008	Luzia Arifa Tigre	15 horas	
02/05/2008	José Rodrigues Lima	17 horas	20 minutos
03/05/2008	João Batista Ribeiro	10 horas	19 minutos
03/05/2008	Ely Fátima Batista Alves	14 horas	53 minutos
03/05/2008	Dalvina Soares Moreira	14 horas	

### **3.5 Pós-produção**

A etapa de pós-produção compreendeu desde a captura (passagem das imagens da câmera para o computador) de cerca de quatro horas e meia de vídeo até a finalização e autoração do DVD.

Após a captura, e posterior decupagem do vídeo, iniciou-se o processo de edição, momento em que foram adicionados os efeitos de vídeo e de áudio, as

<sup>10</sup> As imagens dos entrevistados e do assentamento encontram-se disponíveis nos anexos (pág. 38).

imagens contendo os textos, as logomarcas dos apoiadores, dentre outros elementos que mais se adequassem à proposta trabalhada e aos conteúdos abordados.

Parte da trilha sonora escolhida também está ligada aos temas abordados, sendo que, simbolicamente, pode-se perceber que algumas músicas como “Preconceito”, de Cartola, “Solo le pido a Dios”, de Mercedes Sosa, “A música que os loucos ouvem”, de Mundo Livre S.A. e “Primavera nos Dentes”, de Secos e Molhados, possuem, a partir da letra e da estética trabalhadas, determinada relação com os propósitos de luta e militância.

A frase inicial de Eduardo Galeano e os trechos da poesia de Ferreira Gullar, “Coisas da Terra”, que deu título ao trabalho, foram utilizados para conferir ao documentário um aspecto místico muito próprio dos Movimentos Sociais Populares, em especial do MST, que procura trabalhar na poesia uma forma de comunicar os fatos inerentes à luta do Movimento, que geralmente não são veiculados pelos meios de comunicação<sup>11</sup>.

Todo esse processo (da captura à finalização do documentário) foi realizado em uma ilha de edição não-linear, utilizando o programa *Adobe Premiere Pro 2.0*.

Feito o documentário, passou-se para a etapa de elaboração da arte do projeto, que foi utilizada tanto na diagramação da capa e dos rótulos de DVD quanto no menu interativo. Para tanto, foram utilizados os softwares *CorelDraw X3* e *Adobe Photoshop CS*.

Além destes programas, foram utilizados também o *Sony DVD Architect 4.0*, para a estruturação do menu interativo, o *Monkey Jam*, para elaboração do extra em stop-motion<sup>12</sup> “Fotografia em Movimento” e o *Photo Story 3 for Windows*, que conferiu movimento às fotos do extra “O pão nosso de cada dia”.

---

<sup>11</sup> De acordo com Caldart (1980), no artigo *A poesia como forma de comunicação dos Sem-Terra do Rio Grande do Sul*, “seja para animar uma reunião ou a espera tensa de uma audiência, seja para denunciar ou narrar ocupações de terra, o fato é que poemas e cantos já integram de tal maneira o cotidiano do MST que podem ser considerados como uma das tantas dimensões de sua luta. É a dimensão simbólica e mística do movimento”. (CALDART In BULIK, GOMES, PIVA, 1980: 247).

<sup>12</sup> O “stop-motion” é uma técnica de elaboração audiovisual que prevê a utilização de diversas fotografias de um mesmo objeto que, posteriormente montadas em uma película cinematográfica, criam a impressão de movimento. No caso do extra “Fotografia em Movimento”, foram tiradas cerca de 450 fotos do trajeto que compreende parte da área do Núcleo Lênin.

### **3.6 Equipe Técnica**

Por tratar-se de um processo de construção documental que pretendeu trabalhar desde o início junto dos moradores/as do assentamento, não somente demonstrando as impressões acerca do Movimento de acordo com a visão individual do documentarista, mas também explorando outras visões possíveis do que poderia vir a ser o documentário, pode-se considerar que a equipe técnica foi constituída de diferentes formas durante as diversas etapas do trabalho.

A pré-produção ficou por conta da coordenação do assentamento Olga Benário; as filmagens, parte das fotos, edição e finalização do material foram feitos pelo idealizador do projeto, o estudante Thiago Lourenço Padovan; a orientação foi conduzida pelo Prof. Ms. Juliano de Oliveira Pires.

Faz-se importante também citar o nome de Gilberto Gabriel Alves, um dos jovens moradores do assentamento, filho de uma das entrevistadas (Dona Ely), que se dispôs a acompanhar as filmagens (auxiliando desde a montagem do material para gravação até em questões mais técnicas, como enquadramento e áudio) e a tirar parte das fotos utilizadas no trabalho.

### **3.7 Orçamento**

O projeto obteve apoio estrutural e financeiro desde as etapas de realização das filmagens até a finalização do vídeo.

Em duas viagens, o transporte para o assentamento ficou por conta do técnico do movimento na região, Thomás Lopes Ferreira e do mestrando do Departamento de Solos da UFV que realiza trabalho no Olga, Daniel Mancio. Os materiais para filmagem foram cedidos pelo curso de Comunicação Social. Os moradores do assentamento ofereceram alimentação e a estada foi na casa de um dos assentados, Jair Rodrigues (Seu Jair). O Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef e o Programa TEIA<sup>13</sup> deram apoio durante o processo de edição, finalização e impressão das capas e rótulos para DVD.

---

<sup>13</sup> Estes dois espaços de formação procuram articular estudantes da Universidade Federal de Viçosa aos trabalhos de extensão realizados em comunidades de Viçosa e redondezas. O Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef trabalha as dinâmicas do planeta Terra e a educação em Solos e Meio Ambiente, tanto com os alunos de escolas da rede pública de ensino quanto com os professores destas. O Programa de extensão TEIA congrega atualmente 22 projetos, que trabalham desde

Foram feitas diversas cópias do material, que foi entregue a todos os/as entrevistados/as e aos que apoiaram, financeira e ideologicamente, o projeto.

Dentre os gastos inevitáveis para a produção do documentário, estão:

<b>Tabela 3: Orçamento</b>			
<b>Descrição</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Valor Unitário</b>	<b>Total</b>
Fitas Mini-DV (JVC / 60 minutos)	5 unidades	R\$ 10,00	R\$ 50,00
Passagem de Ônibus (Viçosa – Visconde do Rio Branco / Viação Unida)	2 unidades	R\$ 7,75	R\$ 15,50
Impressão do projeto	1 cópia	R\$ 4,80	R\$ 4,80
Impressão do relatório técnico	3 cópias	R\$ 19,50	R\$ 58,20
Caixas para DVD	16 unidades	R\$ 1,40	R\$ 22,40
DVDs	16 unidades	R\$ 1,00	R\$ 16,00
Rótulos para DVD	16 unidades	R\$ 0,25	R\$ 4,00
Impressão das capas do DVD	16 cópias	R\$ 1,80	R\$ 28,80
Impressão dos rótulos para DVD	16 cópias	R\$ 0,75	R\$ 12,00
			<b>R\$ 211,70</b>

### 3.8 Equipamentos

<b>Tabela 4: Descrição dos Equipamentos</b>	
<b>Descrição</b>	<b>Quantidade</b>
Câmera Digital Mini-DV para entrevistas (Panasonic AGDVC 80P 3CCD).	1
Câmera Digital Mini-DV para captura em PC (Sony NV-GS320 3CCD).	1
Tripé para câmera (Velbon Videomate 607).	1
Fitas Mini-DV (JVC / 60 minutos).	5
Microfone tipo banana (SM48).	1
Extensão (15 metros).	1
Câmera fotográfica (Sony Cyber-shot 5.1 megapixel).	1
Cartão de memória para câmera fotográfica (Sony Memory Stick PRO Duo - 2GB).	1

questões ambientais e sustentabilidade até economia popular solidária e educação popular. O TEIA trabalha com três núcleos, nos quais são exercidas diferentes atividades: EFA - Guaiana, Nova Viçosa - Raízes Urbanas e Olga Benário. Dentre os projetos realizados atualmente no assentamento Olga Benário estão: "Mãos de Fibras", "Entre Folhas", "SAFs - Sistemas Agroflorestais", Vacas para o café", "Terra Crua", entre outros.

Computador (Processador Intel Core 2 Duo, Cooler CPU Intel LGA775, HD SATAII 400GB, Placa mãe LGA775 Asus, Placa de vídeo VGA 512MB, Memória DDR2 2048MB, Gravadora de DVD IDE LG, PL Interface Firewire de 3 saídas, Fonte ATX MTEK 550W, Monitor Sony 17 polegadas).	1
--	---

### 3.9 Dados do Material

Duração: 54'06";

Formato de Tela: 720x480;

NTSC Standard / Colorido;

Áudio Stereo;

#### **O filme contém:**

- Menu interativo;
- Seleção de Cenas;

#### **Extras:**

- 1) O pão nosso de cada dia – Duração: 2'35";
- 2) Organizar para Trabalhar – Duração: 9'51";
- 3) Fotografia em Movimento – Duração: 2'50";
- 4) De dentro da câmera – Duração: 2'36";
- 5) Que projeto é esse? – Duas telas escritas, que colocam as perspectivas e os objetivos do projeto.

Para melhor visualização em computador, é aconselhável a utilização do software *CyberLink PowerDVD*.

#### 4. Considerações Finais

Os sem-terra estão sendo sujeitos de um movimento que acaba pondo em questão o *modo de ser* da sociedade atual, e o *modo de vida* (cultura) que reproduz e consolida. Fazem isso não porque professam idéias revolucionárias e nem porque esse seja o conteúdo de cada uma de suas ações tomadas em si mesmas. Contestam a ordem social pelo conjunto (contraditório) do que fazem nas ocupações, nos acampamentos, nos assentamentos, nas marchas, na educação de suas crianças, de seus jovens e adultos; pelo jeito de ser de sua coletividade que projeta valores, pelos seus gestos, sua simbologia, e por uma espécie de estética social (parâmetros de beleza e de sensibilidade diante da vida humana) que suas ações acabam produzindo. Fazem isso, sobretudo, pelos *sujeitos* que *põem em cena* na história de nosso país. (CALDART, 2004: 408).

Essa citação de Roseli Salette Caldart é representativa de muitos dos sentimentos que norteiam o MST enquanto um Movimento plural, não só pela diversidade de pautas que trabalha, mas pelos diferentes militantes que congrega. Durante a realização do documentário, foram perceptíveis as diferenças culturais existentes entre os entrevistados/as: alguns vieram da cidade grande e nunca tiveram contato com a terra, outros já tinham contato com o meio rural, mas tiveram de ir para as grandes cidades, ainda outros sempre moraram na roça... Essas vivências anteriores à entrada no Movimento, essa diferenciação característica entre urbano e rural, continuam bastante vivas na memória desses/as assentados/as.

Porém, apesar dessas diferenças individuais, constata-se a existência de uma “identidade de sem-terra”, colocada, por exemplo, nos termos e expressões utilizados com frequência pela maioria deles (como “militante”, “coletivo”, “luta”, “trabalho de base”, entre outros), na forma de organizar a vida cotidiana (entendendo que o MST possui uma forma de organização que deve ser seguida, com a presença nas reuniões de núcleo, de coordenação, nos dias de trabalho coletivo etc) e, mais ainda, na maneira de entender o mundo que os cerca, a partir da consciência de que eles são explorados por uma classe rica (considerada por muitos deles como “burguesia”), e principalmente, de que devem enfrentar esta classe, detentora dos meios de produção, a fim de obter benefícios não só para eles enquanto indivíduos, mas para um todo, já que consideram que, como eles, existem muitos outros explorados, sendo que a luta não pára quando você ganha um lote de terra, mas muitas vezes essa luta pela outro está só começando.

No que tange à produção do documentário, percebe-se que vivências anteriores à sua realização, como o Estágio Interdisciplinar de Vivência<sup>14</sup>, os Seminários do Programa TEIA, as manifestações no Encontro de Movimentos Sociais Mineiro etc., foram de extrema importância para que o contato e o diálogo com os/as assentados/as fossem produtivos, no sentido de entender quais as problemáticas e alegrias vivenciadas em seu cotidiano. Esse processo de abertura, já iniciado em outros espaços de formação e convívio, proporcionou uma visão mais ampla acerca do Movimento, bem como uma facilidade de articulação durante as entrevistas.

A partir disso, vê-se que a relação estrita entre *documentarista* e *interveniente* (retomando os termos utilizados por Manuela Penafria), foi de fundamental importância para que a realização do documentário fosse bem-sucedida, o que conferiu à produção documental uma característica própria, que vai além da naturalidade do diálogo, mas que está posta no engajamento e na militância perceptíveis ao assistir o vídeo.

As representações dos/as militantes do MST trabalhadas durante o documentário adquirem, dessa forma, uma conotação bastante diferenciada daquela abordada pelos grandes meios de comunicação. Com a motivação de desmistificar a imagem social e midiática construída acerca do Movimento (nos termos que os entrevistados/as explicitaram, como sendo de “baderneiros”, “invasores” e “vagabundos”), a produção documental traz elementos e falas que exploram um sentido místico, sentimental e poético, próprios do Movimento, mas suprimidos pela grande mídia.

É interessante ponderar que, nos momentos vivenciados com os/as assentados/as durante as gravações, esteve muito vivo este reconhecimento de que é necessária uma mudança dessa concepção midiática. Dessa maneira, estava colocada uma premissa fundamental para a produção: sua utilização enquanto instrumento que traçasse uma imagem mais próxima possível da realidade do sem-terra, demonstrando os aspectos da vida cotidiana, do universo do trabalho e da

---

<sup>14</sup> O Estágio Interdisciplinar de Vivência é uma das formas de os estudantes universitários terem contato com os militantes dos movimentos sociais populares do meio rural. Neste estágio, o estudante passa alguns dias (entre cinco e sete dias) debatendo temas pertinentes à sociedade que vivemos (como capitalismo, questão agrária, matriz energética, gênero etc.), outras duas semanas em áreas de assentamentos (do MST ou do Movimento dos Atingidos por Barragens, MAB) ou áreas rurais sindicalizadas, e mais três dias avaliando essas vivências, onde remontam suas experiências e partilham os saberes referentes à vida em cada área.

vivência em família. Características do dia-a-dia, que estabelecem uma relação de proximidade, cumplicidade e reconhecimento com maior parte da população brasileira, que partilha muitas vezes dos mesmos problemas dos assentados/as, porém, busca caminhos diferentes para solucioná-los.

Por fim, é importante ressaltar que, tanto para o documentarista quanto para os sem-terra, os ensinamentos e os aprendizados não terminam nesta ou na próxima página, mas continuam vivos, seja na luta cotidiana desses e de outros tantos trabalhadores e trabalhadoras organizados que lutam para ter uma vida mais digna, seja na busca, por parte deste ou de outros estudantes e documentaristas engajados, de diferentes formas de retratar a realidade de seu povo.

No mais, a luta continua...

## 5. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Mauro Luciano de. **A espessura do imaginário no documentário - a imagem e a ideologia**. Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-mauro-espessura-do-imaginario-no-documentario.pdf>>. Acesso em: 24 de abril de 2008.

ARBEX, José. Uma outra comunicação é possível (e necessária). In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003. p. 385-401.

CALDART, Roseli Salete. A poesia como forma de comunicação dos Sem-Terra no Rio Grande do Sul. In: BULIK, Linda; GOMES, Pedro Gilberto; PIVA, Marcia Cruz (orgs.). **Comunicação: Memória e Resistência**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. p. 247-257.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2004. 439 p.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Formação do MST no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000. 319 p.

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro - Os Fundamentos do Texto Cinematográfico**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. 223 p.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: Editora L&PM, 1994. 316 p.

GULLAR, Ferreira. Dentro da Noite Veloz. In: GULLAR, Ferreira. **Toda poesia**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990. 222 p.

GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio; STÉDILE, João Pedro. **A Luta pela Terra no Brasil**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993. 118 p.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 419-477.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 1ª Edição. São Paulo: Papirus Editora, 2005. 270 p.

NOGUEIRA, Renata Fernandes. **A organização sócio-espacial do assentamento Olga Benário**. 2007. 63 p. Dissertação (Graduação em Geografia) – Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 1996.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Jogo de espelhos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. 263 p.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em: 24 de abril de 2008.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo**. Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2008.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário?. In: RAMOS, Fernão Pessoa. **Estudos de Cinema - 2000 - Socine (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema)**. Rio Grande do Sul: Editora Sulina, 2000. Disponível também em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>>. Acesso em: 24 de abril de 2008.

SILVA, Ranulfo Peloso. **A Retomada do Trabalho de Base**. Cefuria - Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo. Disponível em: <<http://www.cefuria.org.br/doc%5Ceducpoptrabalhobase.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2008.

STÉDILE, João Pedro. **Questão Agrária no Brasil**. São Paulo: Editora Atual, 1997. 71 p.

WATTS, Harris. **On Câmera - O curso de produção de filme e vídeo da BBC**. São Paulo: Summus Editorial, 1990. 279 p.

## 6. Anexos

### 6.1 Fotos dos/as entrevistados/as e do assentamento



1. Vicente de Paula Lima;
2. Francisco da Silva Braga;
3. Juliana Dias de Oliveira;
4. José Miranda Cardosa e Luzia Arifa Tigre;
5. José Rodrigues Lima;
6. João Batista Ribeiro.



7. Ely Fátima Batista Alves;
8. Dalvina Soares Moreira;
9. Gilberto Gabriel Alves;
10. Ângela Rodrigues e Jair Rodrigues;
11. Produção de pão no Olga Benário (na foto, Dona Preta mostrando os pães);
12. Dia de trabalho coletivo (na foto, Dona Dalva e Dona Marlene conversando).



13. Reunião do Núcleo Santa Helena;
14. Vista do assentamento;
15. Vista da escola para jovens e adultos;
16. Vista da casa da entrevistada Juliana;
17. Vista do campo de futebol;
18. Vista da lagoa.

## 6.2 Roteiro

<p>Roteiro: Coisas da Terra: histórias de movimento e luta no assentamento Olga Benário, MG.</p> <p>Autor: Thiago Lourenço Padovan. Duração: 54' 06".</p>	
Tela preta	
<p>GC</p> <p>Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. / Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. / Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. / Pra que serve a utopia? / Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. / Eduardo Galeano</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	
<p>Logomarcas: Universidade Federal de Viçosa; Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes; Departamento de Artes e Humanidades;</p> <p>Sobe som, depois cai pra BG, durante as falas de apresentação: <i>A música que os loucos ouvem</i>, de Mundo Livre S.A. (somente 1' inicial).</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	
<p>Logomarcas: Curso de Comunicação Social / Jornalismo; Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra;</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	
<p>Logomarcas: Programa Teia; Proext; Ministério da Educação.</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	
<p>Zé Miranda 01</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Eu sou José Miranda.</p>
<p>Luzia 01</p>	<p>Eu sou Luzia.</p>

Efeito de Transição: Cross Dissolve	
João Batista 01	Meu nome é João Batista.
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC São coisas, todas elas, / cotidianas, como bocas e mãos, / sonhos, greves, denúncias, / acidentes do trabalho e do amor.	
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Juliana 01	Eu sou Juliana.
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
José Rodrigues 01	Meu nome é José Rodrigues Lima.
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Vicente 01	O meu nome é Vicente.
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Coisas, de que falam os jornais / às vezes tão rudes / às vezes tão escuras / que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade.	
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Chico 01	Chamo Francisco da Silva Braga.
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Ely 01	Meu nome é Ely.
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Dalva 01	Eu sou Dalvina, né? Me chamam de Dalva.
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
GC Mas é nelas que te vejo pulsando, / mundo novo, / ainda em estado de soluços e esperança. / Ferreira Gullar	
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC	

Coisas da Terra	
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC A vida antes	
Efeito de Transição: Dip to Black	
Zé Miranda 02	Sô do interior da Bahia. Fui pro Espírito Santo com treze anos de idade. Vivi lá 29 anos. Conheci a Luzia no Espírito Santo, ela me levou pra Belo Horizonte. Fiquei lá um ano e pouco, quase dois anos...
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Juliana 02	Antes de me entregar ao MST, eu morava na região leste de BH... No bairro Boa Vista, de BH. E acho que não seria uma vida, não era uma vida boa. Num era uma vida legal...
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Zé Rodrigues 02	AAA... Era meio difícil mesmo... Era meio difícil, tinha que bater cartão pros outros, tinha que saí quatro horas da manhã pro serviço correndo risco de vida, né? Chegava em casa dez, onze hora da noite, né? Ganhava muito pouco, né? O que ganhava num dava nem pra se alimentar direito, pagar um aluguel, conta de luz, conta de água... É difícil, num era fácil não...
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Chico 02	Eu morava em Mercedes. Aí, mas fazia três anos que eu trabalhava aqui na fazenda. Trabalhava de empregado, como vaqueiro aqui na fazenda. O pessoal do MST chegou, eu fiquei com eles.
Vicente 02	Minha vida era um problema danado, eu trabalhava, eu morava no que é meu, num pedacinho de terra, coisinha à toa... Ééé, uma quadra de terra e trabalhava pro fazendeiro.
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Luzia 02	Nasci na Bahia e depois, com nove anos, eu mudei pro estado do Espírito Santo, fiquei lá no Espírito Santo até os 14 anos, meus parentes lá é fazendeiro. Aí, com 14 anos eu saí, né? Mudei pra Belo Horizonte e me casei com 16 anos,

<p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>vivi alguns anos casada, que eu nem me lembro quanto... Aí eu conheci o Zé, né? Depois que eu criei meus filhos tudo, meus filho já tava de maior, eu conheci o Zé no Espírito Santo e resolvemos morar junto... E tava muito difícil pra ele morar dentro de Belo Horizonte, por que toda vida ele morou na roça. E eu também toda vida gostei da roça, né? E aí, nós ta sem saber aonde, como que seria nosso futuro, onde é que a gente ia morar, por que na bem da verdade tava complicado, por que eu não queria voltar pro interior do Espírito Santo porque, pra não saí de Belo Horizonte, num largar minha família, meus filhos.</p>
<p>Ely 02</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Eu tinha uma vida meio tumultuada, porque na época a gente tinha um parente da gente que morava com a gente, que causava muito problemas, você entendeu? Meu marido não morava em casa e ele tinha voltado pra casa naquela época, então assim... Era meio tumultuado... A gente tinha duas casas, né, na época, e a gente não morava em nenhuma das duas casas, porque passava a maior parte do nosso tempo ou numa casa ou na outra, em função também de cuidar desse companheiro que... desse sobrinho dele que era doente e morava com a gente.</p>
<p>João Batista 02</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Nossa senhora, era muito difícil. A gente passava dificuldade, a gente, né, trabalhava pros outros até de noite, não tinha hora de parar, e a situação era difícil pra gente. A gente fazia a conta de comer mesmo, ficava um lado do outro, não tinha onde morar, num tinha nada...</p>
<p>Dalva 02</p>	<p>Em 28 anos, sabe, eu trabalhava à noite, né? Trabalhava... Trabalhava primeiramente num hotel, trabalhava no... Cinco anos no Serrana Palace, cinco anos no Brasil Palace, depois eu trabalhei em pizzeria também, que eu sou cozinheira, depois eu trabalhei... meu último serviço foi Mala e Cuia. Trabalhei nove anos e oito meses no Mala e Cuia, sabe? E aí, saí do Mala e</p>



<p>Chico 03</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Eu num vou falar mal, porque não tem como falar... Comigo foi três anos muito bem trabalhado com ele aí, sempre me tratou bem, num tinha esse negócio... Tem o negócio de patrão, né? Que patrão é tudo na hora que eles querem. Tinha vez, a gente na hora do almoço, a gente tava almoçando, chegava, mandava a gente juntar gado, num tinha hora pra parar...</p>
<p>Vicente 04</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Era assim rapaz... Óia, eu... Eu trabalhei pra esse fazendeiro assim que eu parei, desse fazendeiro lá, que eu vim pra cá pro MST, eu tava trabalhando... Eu trabalhava de lavrador, trabalhava na enxada, né, depois eu passei a trabalhar num trator. Aí foi um dia, eu cheguei lá cedo, ele morava na cidade, eu cheguei cedo no serviço dele, eu peguei o trator e entrei na lavoura de café e tava roçando... E tava roçando lá na lavoura de café dele. Aí quando ele chegou, quando ele chegou, ele falou que o serviço tava errado e me maltratou, me maltratou, tirou o trator da minha mão e chegou até a me dar um empurrão no peito! Chegou até a me dar um... me dá um empurrão no peito. Até, essa hora até, tava... Aí ele entrou o trator pro filho dele. Eu falei pra ele que eu ia parar do servi... E lá no serviço dele eu fazia tudo que ele mandava, sabia tudo, fazia tudo. E aí eu falei pra ele que eu ia parar do serviço dele, que eu num, que eu num, que já num queria mais, que Áquila lá não era papel de fazendeiro fazer, de patrão fazer. Aí ele me pediu desculpa, falou pra mim... Pediu desculpa, que não ia fazer aquilo mais... Aí, rapaz, aí eu continuei trabalhando pra ele de novo, por que eu não tinha outro serviço pra poder fazer e eu tinha minha família pra tratar. Então eu não podia... Eu tinha que tá em cima do serviço ali.</p>
<p>Dalva 03</p>	<p>Trabalhei em São Paulo quase cinco anos, e eu via aquela luta do pessoal lá na, na... No Alto do Paranapanema, né, eu falava assim: “Um dia, quando eu aposentar, eu vou entrar nisso aí”. Aí, “tá</p>

Efeito de Transição: Cross Dissolve	doida?”. “Vou... vou entrar no sem-terra”.
Imagens em preto e branco (Efeitos de vídeo “Black and White” e “Equalize”) de cada um dos/as entrevistados/as durante os momentos iniciais da entrevista.  BG: <i>Casa pré-fabricada</i> , de Maria Rita (somente os 29” iniciais).  Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Conhecer o MST  Efeito de Transição: Dip to Black	
Luzia 04  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Quando eu trabalhava fora, às vezes eu passava na Afonso Pena e eu via aquelas bandeiras vermelhas, aquele povo todo vermelho, pulando e tal... Eu parava um pouquinho ali e achava aquele trem muito bonito. Aquelas músicas e tudo... Aí, dava vontade até de não ir trabalhar e enfiar no meio daquele povo... Eu nem sabia o que é que era, nem sabia de que se tratava, mas eu já era empolgada com o Movimento sem ter saber...
Zé Miranda 04  Efeito de Transição: Cross Dissolve	O primeiro contato que eu tive com o Movimento, foi quando o Movimento iniciou, né? Lá no Espírito Santo o Movimento iniciou lá em 84, né? Foi em alguns estados só do Brasil que ele iniciou, e o Espírito Santo foi um deles... Logo naquele ano teve colega meu que entrou pro Movimento, vizinho meu me convidava...
Juliana 03  Efeito de Transição: Cross Dissolve	O primeiro contato foi quando o Mauro, ééé... Em 1999, ele chamou a gente pra poder fazer parte do MST. Aí, a gente fez parte do MST e foi o primeiro, foi o 2 de Julho... E, até hoje a gente tá aí...
João Batista 03	O primeiro contato que eu tive com ele é o seguinte... É fazendo amizade com o povo aqui dentro, né, e aprendendo o que eles trouxe de fora pra gente, né? E a gente não entendia nada disso, que...

Efeito de Transição: Cross Dissolve	Ouvia falar na televisão, mas, num, num, né? Num conhecia, num tinha conhecimento de nada. Mas o primeiro contato, a primeiras coisa foi conhecer o pessoal aqui de dentro, que são pessoa tudo boa, que nem aquilo que eu te falei, num tenho contra nada eles, né?
Chico 04  Efeito de Transição: Cross Dissolve	O contato meu aqui com o MST deu que nos dia que o pessoal chegou aqui na Fazenda, o patrão mandou trazer 15 litros de leite todo dia pra eles aqui... Aí o pessoal foi me conhecendo, eu trazendo o leite, fui parando amizade com o pessoal aí, com o Edilei, com o Mauro, com todo mundo... Aí dentro de 15 dias mais ou menos eu já tava entrosado no meio do pessoal aqui.
Dalva 04  Efeito de Transição: Cross Dissolve	E aposentei, meu filho, aposentei num ano... Antes de fazer um ano essa Dona Edna, fui lá, no, no... Ela tinha um “sacolãozim”. Aí ela mandou me chamar lá e eu fui. Lá ela falou assim “Ó Dona Dalva, eu to fazendo uma, uma, como é que fala? Uma reunião lá no Seu Gilmar, pra quem quiser ir pro sem-terra. A senhora não que ir, não?”. Eu falei “Uai, Dona Edna, tô nessa! Como é que é? Como é que a gente vai?”. Ela falou “Vamos fazer a reunião, depois a senhora vê como é que é”. “Ah, tá bom. Que hora que é a reunião?”. “Domingo quatro horas da tarde”. “Beleza!”. Fui lá pra reunião, vi, gostei... Ah, adorei!
Zé Miranda 05  Efeito de Transição: Cross Dissolve	E quando eu entrei pro Movimento tinha no mínimo uns 10 anos que eu tava ameaçando entra no Movimento, mas eu não ia porque eu tinha medo, devido às reportagens que você via pela televisão, né? Tinha medo de ir, porque a televisão só mostra o lado ruim, né? Fica procurando as coisas ruim pra mostrar pra, pra sociedade, né, então Ru fui um desses, que ficava querendo ir, mas não ia por causa de medo mesmo! Medo de ser morto...
Ely 04	Eu tinha uma amiga que mexia numa associação e eu contribuía com ela nessa associação, ajudava ela na

Efeito de Transição: Cross Dissolve	associação nos finais de semana. No dia que eu tinha oportunidade eu ajudava ela nessa associação. E através dessa associação, ela ficou conhecendo um senhor que fazia parte do MST.
Ely 05	Então, um dia ele chegou na casa dela e chamou ela, perguntou se ela, se ela queria vê... Que ele precisava conversar com ela. E ela é assim, meia grosseira que nem eu assim, né? Aí, ela mora numa casa lá no alto, aí ela respondeu que “Não! Não quero visita uma hora dessas, não, porque agora eu estou ocupada”. Aí o moço insistiu, e ela mandou a filha dela... Ela tinha uma filha moça, falou “Vai lá Dayane, olhar o que que o homem quer”. Aí, o Seu Gilmar chegou pra filha dela e falou “Ó, eu vim aqui porque me indicaram que sua mãe mexe com associação e eu tenho pra apresentar pra ela uma nova vida”. Aí falou do MST, que o MST era um Movimento Social, que ajudava as pessoas que morava em favela, levava pra terra e tal... Aí a menina subiu e falou pra ela. Aí ela desceu e falou “Moço, é isso que eu tô precisando na minha vida!”. E foi conversar com o Seu Gilmar, que explicou pra ela. Quando ele terminou, que foi embora, ela ligou pra minha casa e falou “Ô Ely vem cá! Vem cá porque eu tenho uma solução pros nossos problemas...”.
Vicente 05	O contato comigo com o pessoal do MST foi assim rapaz, foi até meio... Foi até meio longo a chegada minha no MST... Ééé, assim que eles, que eles fizeram o... A ocupação lá no Sul de Minas, aí eles foi atrás de fazer trabalho de base comigo e eu não quis ir. Aí depois eles tornaram a voltar de novo... Quando completou, faltava um pouquinho para um ano, aí eu resolvi. Aí eu falei assim “Num agüento trabalhar pro fazendeiro mais não”. Resolvi entrar pro MST...
Luzia 05	A gente tava na igreja, aí um irmão de igreja falou comigo, né, falou assim “Ô irmã Luzia, o... vocês tão caçando um

Efeito de Transição: Cross Dissolve	sítio pra morar”, que a gente tava procurando um sítio pra tomar conta, né, mas aí tava difícil.
Luzia 06  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aí ele falou comigo que tinha, que tava sabendo de uma fazenda pra pessoa chegar lá, que já era dono. Separava o pedaço, fazia a casa... Aí eu falei “Ô, mas é assim?”... Não, o governo tá dando desse jeito, você chega lá é só você fazer a casa e tal... Aí eu mandei chamar o Zé, pro Zé ir naquela mesma noite na casa dele, que no outro dia era pra marcar pra ir na reunião que era em Betim...
Zé Miranda 06  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aí eu fui lá nessa tal reunião, chego lá já era a quarta reunião, já tinha tido três reunião anterior, né, que era o trabalho de base que eles tavam fazendo ali no... Em Teresópolis, e aí quando eu cheguei, o militante que tava dirigindo a reunião chegou e falou assim que naquele dia não ia mais ter reunião, que só ia... Que ele só veio avisar pra quem tivesse disposto a ir pra fazenda, pra deixar o número de telefone, com o dono da casa lá, que tava... Pra entrar em contato, que eles iam marcar o dia, e pra gente ficar alerta, e que a gente levasse 20 metros de lona e uma compra pra passar 60 dias...
Ely 06  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Eu até que fiquei meia que com medo, porque diz que MST é muito bagunceiro e tal, mas ele falou tanta coisa boa do MST que eu quero ir lá ver. “Você topa ir lá ver?”. “Vou, topo ir com você e ver”.
Ely 07  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Ele chegou, explicou pra gente, eu gostei das explicações dele. Ele falou “Aqui nós vamos ter reunião durante cinco domingos e depois de cinco domingos, a gente vai partir pra fazer ocupação”. Aí eu comecei a participar das reuniões...
Ely 08  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Então quando eu cheguei em casa e falei que eu ia participar do Movimento Sem-Terra, eles falaram que eu era doida, que eu tava louca, que eu tinha amalucado de vez...

<p>Chico 05</p> <p>Sobe som de <i>Toc</i>, de Tom Zé (somente 55" iniciais).</p> <p>A música continua ao fundo.</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	<p>Aí eu não ia poder ficar na terra, não. O meu nome não foi cadastrado dos empregados da fazenda, porque quando fez a vistoria, em 2001 eu num tava aqui ainda não, cheguei no final de 2000 e... Não, princípio de 2002... Aí o meu nome não constava na lista de empregado, mas aí o Mauro e o Edilei pegou e falou assim "Se o senhor quiser passar pra nós, ficar junto com nós, o senhor traz os documentos do senhor, que nós manda pra Belo Horizonte e o senhor fica junto com nós.</p>
<p>Imagens em preto e branco (Efeitos de vídeo "Black and White" e "Equalize") de cada um dos/as entrevistados/as caminhando de costas para a câmera.</p>	
<p>Juliana 04</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Deve ter outras pessoas, outras famílias aqui dentro que deve ter participado de outras ocupação, você entendeu? Que acharam bom.</p>
<p>Zé Rodrigues 04</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>A primeira ocupação nossa foi na Fazenda Santa Helena também, em Juatuba, perto do 2 de Julho. Do 2 de Julho, nós saiu da fazenda... Da fazenda Santa Helena foi pra Fazenda Sabará. Chegou lá, nós ficou lá um tempo também. De lá não deu certo, voltou na frente do Saborá, voltamos pro 2 de Julho de novo. Aí, do 2 de Julho, aí nós partiu pra aqui, pra Fazenda Santa Helena, aqui em Zona da Mata.</p>
<p>Ely 09</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Quando foi uma hora da manhã, na noite de 23 de junho, a gente saiu e fomos ocupar uma fazenda lá em Bicas, São Joaquim de Bicas, né?</p>
<p>Ely 10</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Quando fez um mês e 10 dias, o dono da fazenda pediu reintegração de posse. Aí a gente teve que mudar... Nessa reintegração de posse, a gente foi morar numa fazenda que chama Santa Helena Barroca, na região de Pequi.</p>
<p>Juliana 06</p>	<p>Pequi, que foi uma coisa bonita, que foi da parte deles, foi os homens que fizeram... E foi até no início do Movimento mesmo...</p>



Efeito de Transição: Cross Dissolve	pra Fazenda que a gente foi, foi pra um acampamento, que hoje se tornou assentamento, que chama 2 de Julho. E o nosso alimento não chegava lá. Aí, nós ficamos 150 famílias, durante 4 dias, sem alimento, porque ninguém sabia onde tava o caminhão com o nosso alimento.
Juliana 07  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Dificuldade de, ééé... Comida e água. E água. Porque nem sempre que você chega num lugar, que você tem uma nascente e que você tem uma água pra poder você sobreviver... Você entendeu? E também, a sobrevivência da comida. Num é sempre. A comida não é de um dia pela noite que você vai conseguir uma comida, não.
Dalva 06  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Depois nós fomos pra esse, esse... Esse lugar que nós foi lá pra Pequi, sofremos muito, sabe? Sofremos demais... Ih, sofremos muito... Mas depois Deus abençoou que veio as bonança, sabe? Trabalhemo muito, nós nunca viu tanta fartura igual nós viu lá em Pequi. Muita fartura mesmo! As véinha que tinha lá, as mais velha era eu, Dona Maria e Dona Geralda. A Dona Geralda plantou milho, que ela colheu eu acho que 35, ééé... 35 saco de milho. Saco mesmo! E Dona Matia colheu num sei quanto... Eu também colhi... Eu tinha dois mandiocal. Precisa de ver os mandiocal. Cada raiz de mandioca desse tamanho assim! Precisa de ver! Era mandioca mesmo! Plantei feijão, plantei tudo...
Ely 12  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aí eu falei “É isso que eu quero pra mim. Na atual vida que eu tô vivendo, aonde é que eu vou encontrar o sossego é agora”.
Vicente 07  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Graças a Deus entrei no MST, num tenho, num tenho arrependimento hora nenhuma e tô, tô feliz aqui, no Olga.
Zé Miranda 07	Aí eu logo captei, falei “É o MST! É o Movimento dos Trabalhador Rural Sem-Terra”. Aí falei com o cara que me levou. Ele na hora ele desistiu, falou “Tô fora! Eu num vô, se você quiser ir, cê vai!”. Eu falei “Pois eu vô, que tem é tempo que

Efeito de Transição: Dip to Black	eu to querendo entrar, e agora eu vô, eu vô". Aí foi que eu entrei... Assim que nós conhecemos o Movimento...
GC A visão da sociedade Efeito de Transição: Dip to Black	
Juliana 08 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Como nós somos os sem-terra, eu acho que nós somos criticado.
Ely 13 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Ah, de que a gente é baderneiro, de que a gente é ladrão, entendeu? De que estamos tomando a terra dos outros. Diz que estamos ocupando o que não é nosso, cê entendeu? Que as pessoas que, que entram na terra dos outros não tem necessidade, entendeu? Assim... Pelo fato, às vezes a gente nem culpa eles. É pelo fato de que reforma agrária nunca foi discutida no Brasil.
Zé Miranda 08 Efeito de Transição: Cross Dissolve	A maioria da sociedade, eles tem uma visão assim... Má, pensa mal da gente, por causa da, da mídia, né? E principalmente a Globo, né? A Globo que é a principal inimiga dos Movimento Social, principalmente o MST, né?
João Batista 05 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Principalmente a classe mais alta, são realmente contra nós, né? Por que aqui na rua, a maioria do pessoal aqui em Rio Branco mesmo, eles desce muito o pau na gente aí, fala muito mal da gente, mas a gente tem que provar pra eles que não somo aquilo que a gente é, né? A gente é isso, a gente é aquilo. Eu acho que, fora eles castiga a gente demais. Eu acho que a gente é muito falado na boca do povo, né? Mas cê num pode olhar isso, cê tem que olhar sua vida, tocar o trem pra frente, né? A gente tem três menino pra criar, pra tratar... Então a gente tem que lutar aqui mesmo e... Deixar que eles falar pra lá...
Vicente 08	As pessoas de fora a gente num pode... Falar que eles, que eles deseja o que presta pra gente. Eles deseja só o que

Efeito de Transição: Cross Dissolve	não presta, porque os pessoal, os pessoal de fora acha que nós aqui é vagabundo, que nós não trabalha, que nós é isso, que nós é aquilo...
Zé Rodrigues 06  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aaa, a visão eu acho que eles não fala bem do MST. Pra eles que não entende , não sabe como é que é, né? Eles fala mal, com certeza, eles não tá elogiando o MST, que eles não sabe do que é que se trata, mas não é que nem eles fala, né? A pessoa tinha que tá aqui pra ver como é que funciona, que não é do jeito deles, né, o jeito que eles trata a gente lá fora...
Chico 06  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aqui, principalmente aqui em Visconde do Rio Branco não são boa... Eles não conhece o pessoal direito, né? Aí fala "Sem-terra, sem-terra, sem-terra", mete o pau... Muitos. Mas agora muitos que já falava, já tá caindo na realidade que não é nada do que eles pensavam. Tá vendo o pessoal aí trabalhando, fazendo seus movimento aqui dentro... Muitos já tá voltando na real que nós não somo do jeito que eles pensavam...
Vicente 09  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Ih, rapaz! Aí a coisa agora é uma coisa complicada, porque eu num, eu num sei, eu nu tenho a mínima idéia do que esse povo pensa, pensa assim sabe? Num sei se é porque, é por causa do povo ser, ser chamado de pobre, que vem, que vem procurar um lugar pra trabalhar.
Juliana 09  Efeito de Transição: Cross Dissolve	A burguesia. É a burguesia que faz tudo hoje. Se, se, se não houvesse a burguesia não tinha essa, esse monte de crítica, porque isso tudo vêm deles. E eu tenho certeza que isso tudo vêm deles, entendeu? Eu tenho uma pequena certeza...
Luzia 07	A televisão, o rádio, num... Nem sempre passa explicando todinho o que é que é a causa da nossa luta. Porque que a gente ééé... Fecha aí as BR, as rodovia, né? Porque que a gente vai nas fábrica e, e pára, né, pára os funcionário pra não trabalhar... Então, eles tinham que

Efeito de Transição: Cross Dissolve	saber, que o nosso objetivo é, o que que é: é acabar com o transgênico, é contra os agrotóxico, né? A nossa luta é o benefício do pobre, e o pior é que o pobre, o próprio pobre, é contra nós.
Dalva 07  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Eles não vê que é uma, uma lei política e social, não. Eles não vê. Eles não acha isso, né? Porque isso é uma lei política e social, né? Então, eles não vê isso. Eles... Eles não entendem. Eles acham que nós somos invasor, que nós somos baderneiro. E quando a gente vamos pra luta, que a gente vai fazer baderna. Igual Dona Ely foi agora pra, pra esse lugar [Dona Ely: Resplendor, na luta da Vale]. Na luta da Vale, eles acha que é pura baderna, né? Que não é uma coisa social, eles acham que é uma coisa baderneira.
Ely 14  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Você, né, hoje tá formando na universidade, você sabe que nunca na sala de aula foi falado sobre reforma agrária, entendeu? Sempre falou assim, ó “O negro trabalhou pro senhor e plantou a roça do senhor”. Então, o latifundiário sempre foi esclarecido que, que existia o latifundiário, entendeu? Mas nunca foi falado sobre reforma agrária, que aquele pedaço de terra ali foi dado pra alguém trabalhar nele, né?
Chico 07  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Pela televisão que eles via, né? “Sem-terra é isso, sem-terra é aquilo, é baderneiro, faz bagunça...”. Tudo passa na Globo, porque a Globo é a primeira a mete o pau nos sem-terra, né? Aí, o pessoal aqui, sempre surgia desse jeito.
Luzia 08  Efeito de Transição: Cross Dissolve	E outra coisa também, né, igual a televisão mostra “Aaa, sem-terra é baderneiro... Aaa, sem-terra fez isso, fez aquilo...”, mas não olha que a gente sim faz... Eu concordo que a gente faz a baderna, mas o nosso objetivo é fazer uma luta pra melhorar o nosso país, pra melhorar principalmente pra nós, que somos pobres, né?
Ely 15	Então assim, a reforma agrária nunca foi

<p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>discutida numa sala de aula. Hoje que agente tá vendo que, pelo fato de ter muitos Movimentos Sociais, que não é só o MST também, por que eles falam “Aaa, o MST tá fazendo ocupação, o MST tá fazendo isso, mas, né, nós sabemos que não é só o MST. São muitos Movimentos Sociais que estão na luta pela reforma agrária. E por isso, hoje, a reforma agrária ainda é discutida, muito mal discutida, mas ainda é falado sobre reforma agrária.</p>
<p>Zé Miranda 08</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>A sociedade vê nós como pessoas má, a culpa é dos meio de comunicação, que divulga só aquela parte ruim que acontece no meio da gente, porque onde existe ser humano existe coisa boa e ruim, né?</p>
<p>Zé Miranda 09</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>E ela tá ali procurando só aquela coisa ruim pra poder mostrar pra sociedade. E a sociedade tá lá do outro lado enganada da, da, da nossa realidade.</p>
<p>João Batista 06</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Por que eles não vem aqui dentro pra ver o que a gente faz, né? Então eles desce a ripa por detrás, fala isso, fala aquilo, mas eles não sabem o que a gente faz aqui dentro. Eles tinham que vim aqui pra ver o que acontece aqui dentro, como é que a gente trabalha, como é que a gente faz aqui, né, pra eles depois falar lá na rua o que a gente somo, o que a gente deixa de ser, mas infelizmente eles não vêm e desce o pau assim mesmo...</p>
<p>Zé Rodrigues</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve Sobe som de <i>Preconceito</i>, de Cartola (somente 56” iniciais)</p>	<p>O pessoal pra falar alguma coisa, pra criticar o MST, eles deveria ver, fazer uma entrevista com a gente que nem você veio, e vim passar um dia com a gente, ver como é que é... Seja bem-vindo, qualquer um que vim de lá, lá fora... Que a gente puder tratar ele, né, no alcance da gente, a gente vai tratar, né? Trata ele bem, o que puder fazer por ele vai fazer...</p>

A música continua ao fundo.  Efeito de Transição: Dip to Black	
Imagens em preto e branco (Efeitos de vídeo “Black and White” e “Equalize”) de cada um dos/as entrevistados/as no momento em que foi colocada a pergunta <i>“Que visão você acha que a sociedade como um todo têm do MST? Por quê? De onde você acha que vêm essa visão?”</i>	
GC Plantar, colher, produzir  Efeito de Transição: Dip to Black	
Dalva 08  Efeito de Transição: Additive Dissolve	Feijão.
Juliana 10  Efeito de Transição: Additive Dissolve	Abóbora.
Ely 16  Efeito de Transição: Additive Dissolve	Milho.
Zé Rodrigues 08  Efeito de Transição: Additive Dissolve	Mamão.
João Batista 07  Efeito de Transição: Additive Dissolve	Cachinho de banana.
Chico 08  Efeito de Transição: Additive Dissolve	Quiabo.
Luzia 09  Efeito de Transição: Additive Dissolve	Mandioca brava.
Vicente 10  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Qualidade...
João Batista 08	É uma terra muito boa pra plantio. Aonde, qualquer lugar que cê vê aí, qualquer coisa que plantar dá, desde o

Efeito de Transição: Cross Dissolve	tempo correr bem, né, ter a chuva normal e... Se o tempo correr bem, o que cê plantar aqui, nasce.
Zé Rodrigues 09 Efeito de Transição: Cross Dissolve	O que plantar, colhe. Feijão, arroz, milho, né, café, cana... O que plantar, é uma terra muito boa.
Dalva 09 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aqui o que plantar dá. Aqui dá cana muito bem, dá milho maravilhosamente bem, feijão, na época certa, né, dá muito feijão, verdura, né, muita verdura... É só plantar, que a terra promete, a terra dá, a terra é ótima.
Chico 09 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Toda vida fui nascido e criado na roça... Eu graças a Deus, aqui dentro da terra nossa aqui... Aqui eu tô começando agora, tem uns seis mês, que eu vim pra essa casa aqui, mas lá embaixo, colhia de tudo quanto há, aqui eu já colhi muita coisa também... Quiabo, eu levava era quatro, cinco caixa de quiabo pra vender... Abóbora, colhia abóbora, mamão, melancia... Tudo aqui depois que eu vim pra cá. Agora plantei 22 quilo de feijão, já fiz minha capinheira ali, vô fazer meu canavial, tratar do meu gadinho...
Juliana 11 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Então ali a gente conhece pessoas na cidade, as pessoas ééé... Às vezes perguntam "Ó, cê tem alguma coisa pra vender e tal?". Um tem abóbora, o outro tem feijão, o outro tem, ééé... Milho! E aí as pessoas vão vendendo na casa dele...
Vicente 11 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Conhece esse milho aqui?
Vicente 12 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Esse milho aqui, ele tem apenas o nome de milho, mas é um, um milho pra fazer, fazer vassoura, pra varrer casa, pra varrer terreiro. É isso daqui, depois que ele tiver, que ele tá maduro...
Vicente 13 Efeito de Transição: Cross Dissolve	E dura muito mais do que essas vassoura comum comprada na, comprada na, no mercado e tudo mais...

Zé Miranda 12	Não, é que essas minhoca aqui é, é... Eu tô iniciando, tá tudo improvisado ainda e, futuramente, pra falar a verdade, eu nem sei ainda o que é que eu vou fazer, se eu vou usar esse húmus pra, na lavoura, ou se eu vou vender ele, ou se eu vou fazer as duas coisa, por enquanto é experiência, assim...
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Zé Miranda 13	Provavelmente, tudo indica que vai ser uma... Um investimento bom, né, o criatório de minhoca pra produzir o húmus.
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Zé Rodrigues 10	Aqui tem as horta, é, é medicinais que fala, né, as horta medicinais e... Então às vez a gente tá com uma dor de cabeça, alguma, qualquer uma doenzazinha, vem aqui, já cata umas folha, faz um chá... Às vezes faz resolve mais o problema do que, do que assim um remédio de farmácia mesmo, né?
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Zé Rodrigues 11	Muita gente, às vezes, muita gente conhece por urucum, outros conhece por corante, né? Mamão, né, banana, fava, né?
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
João Batista 09	Tem um cachim de banana ali, que tá, né?
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
João Batista 10	Aqui tem outro pezim plantado, né?
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Chico 10	Essa aqui é minha área que eu pretendo fazer tudo nela. Tem o plantio aí, fazer uma horta boa aqui... Plantar pra cá a horta, embaixo ali tem minha capinheira já plantada... Nesse canto eu vou plantar o canavial e lá embaixo é o feijão, e onde eu vou plantar milho esse ano, se Deus quiser...
Efeito de Transição: Cross Dissolve	
Luzia e Zé Miranda 01	Isso aqui também é ração, né, pra minha éguinha que tá muito fraquinha. Isso aqui é mandioca, ééé... Mandioca que foi seca no sol, né? Eu pretendo fazer uma ração dela pra porco, pra, pra vaca.
Efeito de Transição: Cross Dissolve	

Luzia 10  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aí, ó... O Zé picou a mandioca pequenininha, né, e botou no sol pra secar, né? Só que é mandioca brava, né, Zé? É mandioca brava, que não é a mandioca que a gente come, ela ser pra fazer polvilho e farinha...
Zé Rodrigues 12  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Essa aqui é novinha, né. Tá novinha... O outros tá pro pasto lá... Pra tirar o leitinho de manhã cedo, pra tomar um cafezinho, né?
Zé Rodrigues 13  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Tem um pouco de milho aqui, da minha colheita. Aqui, ó... Aqui tem só um pouquinho só... Tem só um pouquinho aqui, que eu não trouxe o milho todo da roça, que isto é só pra dar pras galinha por enquanto, né? Mas a maior parte do milho mesmo, tá na roça...
Zé Miranda 14  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Essas abóbora, elas colhida madura com o talo, elas dura muito tempo. Essas aí já tem uns dois ou três mês que foi colhida. E isso aí eu vendo na rua, de porta em porta, quando eu saio, né, pra vender...
Luzia 11  Efeito de Transição: Cross Dissolve	É a menor que saiu, que nós já vendemo isso aqui de treze a quatorze quilo, não foi? Esse aqui é a caçulinha, a menorzinha que tem é essa, desse pé, né, dessa qualidade.
Luzia 12  Efeito de Transição: Cross Dissolve	A gente sai com a charrete cheia de abóbora e volta sem nada.
Ely 17  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Já tem algumas famílias aqui dentro que já produz pra cidade.
Ely 18	Agora, né, tamo na época da plantação de milho, da colheita do milho, tá todo mundo colhendo milho, teve uma boa produção, tem muitas roças aí que produziram muito bem... E, hoje com a implantação da associação, né? A nossa associação que hoje é a ARCA, né, nos deu a possibilidade de fazer um, um convênio com a CONAB, né... E nesse convênio com a CONAB, a gente vai

Efeito de Transição: Cross Dissolve	plantar agora pra CONAB...
Chico 11  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Além deles tem mais um burro, um outro cavalo, tem seis vaca e seis bezerro muito boa... Tá tudo aí no sítio aí, depois que eu entrei aqui no sem-terra. Isso tudo foi conseguido nesses três ano, que quando eu era empregado eu não tinha nada.
Vicente 14  Sobe som de <i>Tocando em Frente</i> , de Maria Bethania (somente 1' e 38"). A música continua ao fundo.  Efeito de Transição: Dip to Black.	Aqui o pessoal aqui não destrói o meio ambiente. Nós não destrói o meio ambiente, porque eu acho que isso aí é justiça também, né? É uma injustiça destruir o meio ambiente. Vamo produzir dentro do limite, né?
Imagens em preto e branco (Efeitos de vídeo "Black and White" e "Equalize") da produção de algumas famílias (galinhas, bezerros, o pessoal guardando o milho, os entrevistados/as mostrando alguns produtos, tratando dos animais etc).  Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Lar, humilde lar  Efeito de Transição: Dip to Black	
Imagem da porta da casa de Dona Dalva.  Efeito de Transição: Dip to Black	
João Batista 11	Dá pra melhorar o seguinte é uma... Principalmente, uma moradia, que todo mundo precisa de uma casa, né, que infelizmente hoje não tão tendo ainda, mas nós vamo conseguir ela se Deus quiser... E ser assim, cada um ter seu pedacinho de terra dividido, né? Cada um sabe o que faz, assim... A gente precisa, porque hoje tá assim por enquanto. E aqui tá que nem cê tá vendo aí, ninguém, ninguém tem uma casa direito, né. O trem tá assim, mas a gente

Efeito de Transição: Cross Dissolve	espera que melhore, que cada um vá pro seu lugar, cada um divide seu lote. Que o INCRA vem aqui pra gente e divide, piqueta os trem direitinho... Já tem uma moradia pra gente ficar mais tranqüilo, né? A gente tá precisando agora, no momento, é exatamente isso.
João Batista 12 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Eu vivo aqui tem uns 10 ano mais ou menos já. Tem muito tempo que eu moro aqui...
João Batista 13 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Daqui a pouco, assim que eu fazer... Por isso que eu tô acabando de ajeitar agora, que eu vô comprar o material pra fazer lá pra mim uns dois cômodo lá e cima, né, e vou sair daqui pra ir pra minha terra, se Deus quiser.
João Batista 14 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Inclusive eu tenho uns três menino... Minha menina mais velha já mora com a minha mãe, né, e ela sempre querer morar aqui, mas agora ela tá estudando, e eles tão pequeno ainda, por que uma tem 10 ano, a outra tá com sete e o outro tá com dois. Não, dois não, credo! O outro tá com seis. Tô ficando doido, com a cabeça ruim demais... O outro tá com 11, uma tá com oito e o outro tá com, com seis.
João Batista 15 Efeito de Transição: Cross Dissolve	No caso, se Deus quiser, eu vou trazer eles pra morar comigo aqui sim.
Luzia 13 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aqui é essa casa velha que você tá vendo aqui, que a gente tá mudando provisório, então nós tiramo esse quarto aqui pra ser uma, nossa dispensa, né?
Juliana 12 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Essas aqui são algumas revistas dos sem-terra. São revistas que a gente tem. Uma pequena biblioteca que a gente tem, são os livros que a gente coleciona. E futuramente a gente quer montar uma biblioteca aqui, na nossa casa.
Juliana 13 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Também tem mais aqui dentro... Também é uma pequena bilblioteca...
Juliana 14	Aqui são... é a nossa pequena sala. É aonde nós temos nossas bandeiras, que

Efeito de Transição: Cross Dissolve	guardamos de coração, né?
Juliana 15 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Futuramente eu acho que a gente terá uma casa melhor, pra poder guardar isso tudo aí...
Juliana 16 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Essa é a bandeira do Movimento Sem-Terra. É uma bandeira muito bonita!
Vicente 15 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Por enquanto a convivência aqui dentro sobre, sobre moradia, essas coisa tá ainda, num tá ainda, num tá bõo ainda não, porque nós tamo morando, morando aqui embaixo de barraca, tamo ainda tumultuado ainda.
Vicente 16 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Minha casa, do jeito que ela é por fora... Que ela não é uma casa, é apenas um barraco feito de barro...
Vicente 17 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aí, essa aqui é a minha casa por dentro, pode... Eu quero te apresentar, essa daqui é a minha filha Viviane.
Vicente 18 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Essa aqui é a minha esposa Maria de Lurdes.
Vicente 19 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Dá pra viver aqui dentro, mas não é uma... Não é aquele, aquele palácio que a pessoa pensa, né? Mas eu tenho... a gente tem vontade que o governo libera, um, uma verba pra logo, pra nós fazer as nossas casas, pra sair debaixo de um barraquinho desse aqui...
Zé Rodrigues 14 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Eu tava na barraca, eu tava... Barraquinha de lona, aí essa casinha tava desocupada, aí eles deixaram eu vim pra essa casinha, mas se Deus quiser eu vou construir a minha casa, pra ir lá pra minha casa, né?
Zé Rodrigues 15 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aqui é o ninho do amor, é o meu quarto, né? Aqui é a cozinha, vamo na cozinha... Aqui é a cozinha, né? Aqui é, aqui tem a salazinha aqui, que é da gente assistir uma televisão.
Zé Rodrigues 16	Casa de sem-terra cê sabe como é que

Efeito de Transição: Cross Dissolve	é, né? Negócio tudo, negócio todo bagunçado... Aqui tem outro quartinho aqui, que é o quartinho de visita, né? Aqui ó... Tudo bagunçado aí, mas... Aqui é uma bagunçada danada aqui. Aqui é o quartinho de visita, às vezes quando chega uma pessoa, um parente, às vezes um estudante, a gente arruma aqui e põe pra acomodar aqui.
Chico 12 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Tem muita coisa pra melhorar... Agora, Deus ajudando que vindo o dinheiro da casa agora, todo mundo construindo as suas casa, nos seus lote, que todo mundo já sabe onde é seus lote. De agora pra frente só tem a melhorar.
Chico 13 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aqui é a minha cozinha, áreazinha da cozinha... Aqui é o meu quarto... Aqui é o meu quarto, meio bagunçado, que a casa é pequena.
Chico 14 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aqui é a sala nossa aí, ó... Aqui é o quarto dos menino...
Chico 15 Efeito de Transição: Cross Dissolve	É, é só dois que mora aqui comigo dentro de casa. O mais velho meu mora lá em Mercês, na minha terra lá em Mercês.
Imagem externa da casa de Dona Ely. Efeito de Transição: Dip to Black	
Ely 19 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Não temos condições, né, de viver numa outra casa. A gente morava numa casa maior, então por isso tá tudo muito amontoado, tudo...
Ely 20 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aqui é a minha filha, Tamara.
Ely 21 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Esse, esse telhado tudo meio... Desconjuntado, mas é aqui que nós escondemo.
Ely 22 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Aqui é o quarto, né, aqui então é a casa, que eu e meus dois filhos moramos
Ely 23	Felicidade não falta! Não temos

Efeito de Transição: Cross Dissolve	problema com a infelicidade!
Dalva 10  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Ééé... É em termos, com tenho de dizer, é onde que eu escondo, viu, ó... É aonde que eu escondo é isso aí, sabe? Aqui eu boto as minhas roupa, aqui eu boto as roupa de cama, sabe? E aqui é a minha televisãozinha pra mim ver, minha caminha pra mim descansar, por enquanto é isso aí...
Dalva 11  Efeito de Transição: Cross Dissolve	E aqui é a minha cozinha, minha geladeira, né, liquidificador de fazer um suquinho, né? E, é esse pedacinho aqui que eu vivo, como tenho a dizer, isso é sobrevivência, né? Não é viver, é sobrevivência, né, porque pra viver você precisar ter uma casa, um conforto melhor... Não, isso aqui é sobrevivência. Isso aqui é meus milho que eu colhi agora esse ano, quebrei um pouquinho, botei aqui, tá aqui. Então, quero dizer, não tem lugar aonde por, né? Aqui também é milho, é arroz que eu colhi, então, como eu tenho a dizer, é isso aí, sabe? Fogãozinho de fazer a comidinha...
Dalva 12  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Essa aqui que é a minha neta que gosta de luta, ó... Essa aqui adora luta, sabe?
Dalva 13  Efeito de Transição: Cross Dissolve	Essa aqui que passa a mão no facão, joga nas costa e vai embora!
Dalva 14  Sobe som de <i>Mãe (Mães solteira)</i> , de Tom Zé (somente 29" iniciais). A música continua ao fundo.  Efeito de Transição: Dip to Black	Não é, não é uma casa, isso aqui é um esconderijo, é um lugarzinho de sobrevivência até fazer minha casa, né, se Deus quiser não vai demorar, né? Eu tenho certeza disso...
Imagens em preto e branco (Efeitos de vídeo "Black and White" e "Equalize") dos entrevistados/as em suas casas e externas imagens das moradias.  Efeito de Transição: Dip to Black	

<p>CG MST</p> <p>Sobe som de <i>Primavera nos Dentes</i>, de Secos e Molhados (4' 51", música toda). A música continua ao fundo.</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	
<p>Juliana 12</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>A partir de 1999, que eu saí de BH, que eu saí da cidade, e que ele me trouxe pro campo. Ele me trouxe um grande carinho!</p>
<p>Zé Rodrigues 14</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Abaixo de Deus e a minha família, segundo o MST... Me trouxe muitas coisa que, que eu nunca sonhava na minha vida de adquirir, né, o MST pegou e trouxe pra mim, né? Trouxe alegria pra mim, né, eu vejo hoje, hoje eu vejo, ééé, minha família que tá comigo no MST, anda de barriga cheia...</p>
<p>João Batista 11</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Pra mim foi uma maravilha, cara! Pra mim eu acho que tem que continuar isso, o povo tem que lutar mesmo pra conseguir terra pra trabalhar, porque além de nós, existe muitas pessoa explorado...</p>
<p>Vicente 15</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Aqui, depois que eu entrei pro MST, graças a Deus, eu acho que eu já... Já foi, o que foi produzido, foi produzido da terra, tirado da terra, do braço meu...</p>
<p>Ely 19</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p>	<p>Pra mim, o MST representou a liberdade, entendeu? Liberdade de expressão, liberdade de vivência, entendeu? Liberdade pra acreditar, luta pelo, pela, pelo idealismo, pelo aquilo que eu achava que era possível um dia, pelo socialismo.</p>
<p>Chico 12</p>	<p>Porque quando eu trabalhava de empregado eu não consegui nada. Só trabalhando de empregado e tal, num tinha nada... Hoje eu tenho as minhas vaquinha, tenho meus animal... Tudo depois que eu tô no MST, sem trabalhar um dia pra ninguém, só aqui dentro da</p>

Efeito de Transição: Cross Dissolve	terra.
Luzia 13 Efeito de Transição: Cross Dissolve	O MST pra mim é como se fosse uma mãe, que só ensina boas conduta pro filho, né? Então, o MST pra mim é isso, é aquela mãe boa...
Dalva 10 Efeito de Transição: Cross Dissolve	O MST pra mim foi tudo, por que eu, eu não tenho medo, sabe? O MST me ensinou a não ter medo, sabe, nem da burguesia e nem da polícia, porque nós, é um direito que nos assiste, né? Então, nós não tem medo.
Zé Miranda 15 Efeito de Transição: Cross Dissolve	O pessoal tem que ir mais pra luta, né? Porque hoje, até hoje, mais de 400 mil família que foi assentada, foi através... Através do MST, foi através de muita luta, né?
Vicente 16 Efeito de Transição: Cross Dissolve	O MST hoje pra mim representa, representa a minha vida, representa o meu caminho que eu tô seguindo.
Zé Rodrigues 15 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Falo com orgulho mesmo! Nunca me faltou, hoje eu tô muito bem no MST.
Chico 13 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Pra mim hoje, o MST é tudo pra mim.
Zé Miranda 16 Efeito de Transição: Cross Dissolve	O que ela representa pra mim é uma mudança de sociedade, né? O MST representa uma mudança da sociedade que tá aí.
Juliana 13 Efeito de Transição: Cross Dissolve	O MST pra mim é tudo... Tudo.
Dalva 11 Efeito de Transição: Cross Dissolve	E eu acho que a luta continua, né, a gente tem que lutar pra gente e pros que vêm, né?
Luzia 14 Efeito de Transição: Cross Dissolve	Então é isso aí, tem que lutar mesmo, correr atrás mesmo, e a força é de todos nós.
Ely 20 Efeito de Transição: Dip to Black	Tamos aí e a luta continua! MST, a luta é pra valer!
Imagens em preto e branco (Efeitos de vídeo "Black and White" e "Equalize")	

<p>dos entrevistados/as ao final das entrevistas.</p> <p>Efeito de Transição: Additive Dissolve</p>	
<p>Imagens em preto e branco (Efeitos de vídeo “Black and White” e “Equalize”) do caminho que leva à uma das porteiras do assentamento.</p> <p>Efeito de Transição: Cross Dissolve</p> <p>As imagens vão ficando coloridas após a aplicação do efeito de transição, até chegar na entrada da porteira.</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	
<p>GC</p> <p>O assentamento Olga Benário, na Zona da Mata Mineira, possui área de 820 hectares, onde vivem 30 famílias.</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	
<p>GC</p> <p>O Brasil, com área agricultável de cerca de 90 milhões de hectares, conta com quase 189 milhões de habitantes.</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	
<p>GC</p> <p>Desses habitantes, cerca de 4,8 milhões são considerados sem-terra.</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	
<p>GC</p> <p>O maior latifúndio do Brasil (e, segundo o MST, do mundo), possui 4,5 milhões de hectares e pertence ao grupo CR Almeida.</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	
<p>GC</p> <p>Cada família do Olga possui de 12 a 20 hectares, e se consideram muito ricas...</p> <p>Efeito de Transição: Dip to Black</p>	

Tela Preta	
Sobe som de <i>Solo le pido a Diós</i> , de Mercedes Sosa e Beth Carvalho. (somente 2' 36" iniciais)	
GC A meus pais, aos amigos e aos movimentos sociais. Que continuem na luta por um mundo novo.  Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Projeto Experimental de conclusão do curso de graduação em Comunicação Social / Jornalismo.  Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Orientando / Thiago Lourenço Padovan  Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Orientador / Prof. Ms. Juliano de Oliveira Pires  Efeito de Transição: Dip to Black	
Cinco fotos em preto e branco dos/as moradores/as do assentamento e dos/as entrevistados/as.  Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Pré-produção / Coordenação do Assentamento Olga Benário  Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Filmagens, Edição e Finalização / Thiago Lourenço Padovan  Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Fotografia / Gilberto Gabriel Alves / Thiago Lourenço Padovan	

Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Entrevistados e Entrevistadas / Vicente de Paula Lima / Francisco da Silva Braga / Juliana Dias de Oliveira / José Miranda Cardoso / Luzia Arifa Tigre	
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Entrevistados e Entrevistadas / José Rodrigues Lima / João Batista Ribeiro / Ely Fátima Batista Alves / Dalvina Soares Moreira	
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Agradecimentos / Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, pela luta realizada em diversos estados do Brasil, em busca de uma sociedade justa.	
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Agradecimentos / Aos trabalhadores e trabalhadoras rurais do assentamento Olga Benário, pela consciência, pela coragem, pelo carinho e pela atenção.	
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Agradecimentos / Ao pessoal do Programa TEIA, do Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef, do Centro Acadêmico de Comunicação Social e do Diretório Central dos Estudantes, que apoiaram a construção e a realização deste documentário.	
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Agradecimentos / A meus pais, Neide e Luiz, que, com muita paciência, alegria e vontade, procuraram entender meu processo de formação e sempre respeitaram minhas escolhas...	

Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Agradecimentos / Ao Seu Jair e toda sua família, pelo acolhimento, pela confiança e pelos causos e mais causos contados...	
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Agradecimentos / A todos os/as entrevistados e entrevistadas, que fizeram sua vez e soltaram a voz, ensinando muito de vida a todos nós...	
Efeito de Transição: Dip to Black	
Cinco fotos em preto e branco da vista do assentamento, da produção e dos/as moradores/as do assentamento.	
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC E a luta continua!	
Efeito de Transição: Dip to Black	
Foto da bandeira hasteada na casa da entrevistada Juliana, passando de preto e branco para colorido.	
Efeito de Transição: Dip to Black	
GC Viçosa, Minas Gerais / Junho de 2008	
Efeito de Transição: Dip to Black	
Tela preta	

### **6.3 Diário de Campo**

Ao perceber, durante a realização do projeto, a importância da reconstituição e interpretação mnemônica dos fatos para construir as histórias contadas pelos/as assentados/as do Olga Benário, foi elaborado um Diário de Campo, que remonta os momentos vivenciados durante a pré-produção, produção e realização do documentário. Esses relatos, marcadamente informais, procuram contar outras histórias, a partir das visões e interpretações de mundo provenientes do olhar do “documentarista”...

#### **Primeiro contato com o assentamento Olga Benário**

**Dia: 16 de abril de 2008**

**Hora: 15h**

Peguei uma carona às 14h de Viçosa até Visconde do Rio Branco (parei próximo ao Ferro Velho que me foi indicado pela militante da Marcha Mundial das Mulheres, Thaís Ferreira, que realiza projeto com as mulheres no assentamento).

Andei cerca de 2 km pela estrada de terra até chegar à casa de Edilei (liderança do assentamento, contatado no dia 14 de abril, às 19h), que já havia ido para o Norte de Minas, para as manifestações do Abril Vermelho<sup>15</sup>.

Fui então para a casa de Dona Ely, coordenadora de área, que o próprio Edilei havia me indicado como referência para a realização do trabalho.

Antes de chegar à casa dela, conheci uma garota chamada Viviane que me indicou o caminho. Neste início de caminhada encontrei Thomás, técnico do MST para o setor de produção do assentamento e ex-militante do Movimento Estudantil (meu primeiro contato para a realização do trabalho).

Andei cerca de mais 2 km até chegar à casa de Dona Ely... Chegando lá, já avistei duas senhoras sentadas em tocos de madeira. A casa bastante simples, coberta por uma lona azul, traz diversas sensações, de algo que ainda não está constituído em plenitude, mas onde são concentrados esforços para que seja.

---

<sup>15</sup> O Abril Vermelho é considerado um período de lutas para diversos Movimentos Sociais Populares, a fim de rememorar os fatos ocorridos no dia 17 de abril de 1996, em Eldorado dos Carajás, onde 19 sem-terra foram assassinados, 69 trabalhadores rurais e 12 policiais militares ficaram feridos.

Uma das senhoras, a mais velha, já me falou pra ir entrando, pra sentar-me junto a elas e tomar um café e comer um pão com manteiga. Eis a primeira frase: “Ei, menino, entre aí... aqui nos ‘sem-terra’ é assim... tem que tomar um cafézinho”.

Logo já comecei a falar sobre a idéia do documentário e, enquanto a senhora mais velha, Dona Dalva, entrou para pegar o café, a outra, Dona Ely, começou a me falar que todos ali tinham uma história pra contar, cada um a sua maneira, cada um com uma história de vida diferente.

Começamos, então, meio sem querer, a dar linha no próprio documentário: Dona Ely me falou que o assentamento era dividido em três núcleos e que eu poderia fazer entrevistas com uma família de cada núcleo, com histórias distintas, resgatando essas histórias de vida, que culminaram no processo de luta pela terra e no posterior assentamento Olga Benário.

Falou de sua própria história: desde quando morava em Belo Horizonte (ênfatisando as dificuldades de adaptação no campo, mas também as maravilhas de ter um lugar onde o patrão não a fizesse bater o cartão todo fim de tarde), passando pelos dois acampamentos que passou até chegar a se fixar no assentamento, há um ano e meio atrás.

Daí, falou que eu poderia marcar qualquer dia para fazer estas filmagens e que ela faria o contato com as famílias para que eu pudesse fazer as filmagens. Arranjaria também uma casa mais central, onde eu pudesse ficar durante os três ou quatro dias de filmagem.

Acertados estes detalhes da filmagem, logo depois, a conversa, regada a pão e café, partiu para outros rumos... o filho de Dona Ely, Gilberto, começou a falar da UFV e da vontade que sente de ir mais vezes para Viçosa. Vai daqui duas semanas para a Universidade com uma excursão da escola, para uma palestra sobre o PASES.

Falamos também dos grupos da UFV que fazem trabalhos lá e da ajuda que tem prestado ao assentamento, que é ótima em muitos sentidos, mas que cansa de vez em quando, devido ao grande número de atividades realizadas numa mesma semana...

Logo neste momento apareceu senhor Jair, um morador do assentamento, que nasceu nessas terras e trabalhava para o antigo dono. Começou logo a falar do caso de um grupo de estudantes que deram uma “canseira”, pois

quiseram conhecer todas as possíveis áreas para fazerem casas... Possivelmente o pessoal do projeto “Terra Crua”<sup>16</sup>...

Dona Ely, depois que senhor Jair saiu, me falou que ele também seria um ótimo entrevistado, já que vivia nessas terras antes e aderiu ao para lutar pela terra.

Depois de mais alguns papos trocados, chegou Thomás, que precisava conversar com Dona Ely sobre alguns papéis e, logo depois, nos despedimos e peguei uma carona com ele de volta para Viçosa.

No carro, Thomás deu idéia de atrelar o Movimento Estudantil à lógica do vídeo, já que um pessoal participou organicamente do processo de luta pela terra, como principais aliados do MST na época. Falei das dificuldades e do tempo, mas não descartei a hipótese.

Enfim, um dia rico, com pessoas riquíssimas de espírito e de luta. Mais alguns passos, mais algumas conversas e o caminho se ilumina mais e mais... O negócio é continuar na luta.

### **Trabalho de Campo**

**Dia: 30 de maio de 2008**

**Hora: 9h**

Passados 10 dias da minha primeira visita ao assentamento, consegui os materiais com o laboratório de Comunicação e articulei via telefone com Dona Ely minha estadia durante o feriado de 1º de maio. Ela mesma sugeriu que eu pegasse carona com o Daniel, mestrando do Departamento de Solos, que iria para o assentamento no dia 30.

Nesse dia, acordei por volta das 7h e fui ao laboratório pegar o restante dos materiais (no caso, o microfone “boom”, que faltava). Antes, passei na casa de Blau-Blau, como combinado via msn na noite anterior, para que ele me ajudasse nessa busca pelo microfone perdido...

Logo após, fomos ao Posto Caçula, ao lado da rodoviária, para esperarmos a carona. Não demorou muito para que o fusquinha branco aparecesse.

---

<sup>16</sup> O “Terra Crua” é um projeto atrelado ao Programa TEIA, que aglutina estudantes da UFV de diversas áreas de conhecimento e moradores/as do assentamento Olga Benário, na tentativa de estabelecer vias de comunicação que possibilitem resgates de saberes, que se constituam em formas inovadoras de construção civil.

Sáímos, então, eu e Daniel, às 9h30 de Viçosa rumo ao assentamento. Tivemos alguns problemas com o carro durante a viagem... Precisamos passar num mecânico devido a um pequeno vazamento de gasolina, mas nada muito sério. Continuamos sem problemas.

Chegando ao assentamento lá pelas 10h30, logo fomos para a casa de Dona Ely, para que ela e Daniel pudessem montar a pauta da reunião de coordenação, que ocorreria logo à tarde, às 15h.

Participei dessa pequena reunião e, o mais interessante, foram as percepções acerca do espaço que se criou: percebi que a linguagem, a forma de organização da reunião e a montagem da pauta são aspectos bastante parecidos com os do Movimento Estudantil, o que me fez interpretar, logo de relance, que determinadas representações e símbolos parecem constantes na forma de organização dos Movimentos Sociais... Seja com os assentados e assentadas do Olga, ou em espaços como o Estágio de Vivência, Seminários do TEIA, DCE<sup>17</sup>, Centro Acadêmico de Comunicação<sup>18</sup>, as palavras utilizadas, a forma de gerir o espaço de formação e até mesmo o conteúdo das pautas em alguns momentos, são bastante parecidos.

Colocados e acertados os pontos de pauta, Dona Ely fez questão de aprontar o almoço pra mim e Daniel, lá pelas 12h30.

Às 13h, Daniel tinha uma reunião com alguns assentados sobre a produção de café. Fui devidamente apresentado aos participantes da reunião, mas resolvi ficar do lado de fora, para poder visualizar melhor as áreas do assentamento que poderiam ser filmadas. Acabou que Salviano, um dos jovens moradores, começou a puxar papo sobre a UFV, a vida universitária, a festa do Dia do Trabalho no Julião<sup>19</sup>, enfim, assuntos típicos do universo do jovem, como festas, diversão, futuro profissional etc.

---

<sup>17</sup> O DCE, Diretório Central dos Estudantes, é uma entidade representativa dos estudantes de graduação, que procura atuar dentro das universidades em sentido mais amplo, agregando pautas que visem a construção de uma universidade pública de qualidade e de acesso a todos/as.

<sup>18</sup> O Centro Acadêmico (CA), assim como o DCE, é uma entidade estudantil, mas trabalha com pautas mais específicas, relacionadas às problemáticas inerentes à construção de cada curso. No caso do CA de Comunicação, são trabalhadas tanto pautas que reflitam as preocupações dos estudantes do curso quanto temas amplos como “democratização da comunicação”, “transdisciplinaridade”, entre outras. Vale salientar, que em ambas as entidades colocadas, a escolha das pautas a serem trabalhadas estão ligadas a um viés político que o grupo adota. Nos espaços de formação no quais estive inserido, essa linha política seguia uma concordância com a esquerda...

<sup>19</sup> O Julião é um acampamento, ainda em fases de estruturação e organização, localizado na Zona da Mata Mineira, próximo ao município de Santana dos Cataguases.

Pude perceber, quando outros jovens se aproximaram e entraram na conversa, que um sentimento de “pasmaceira” tomava conta de muitos deles, devido a poucas opções de lazer no assentamento. Em alguns, pude perceber até uma frustração, colocada pela vivência em diferentes acampamentos, mais agitados ou mais próximos de capitais, e em outros, um entusiasmo e um anseio incríveis ao falar do ambiente universitário.

Já batiam 15h30 quando começou a reunião de coordenação do assentamento. Fiquei nessa reunião, como proposta de Dona Ely, somente até serem debatidos os pontos relativos ao documentário, já que precisava dar uma volta pelo assentamento para conhecer os/as moradores/as. Segue, abaixo, a relatoria da reunião:

*Reunião de Coordenação do Assentamento Olga Benário*

*Hora: 15h30*

*Dia: 30 de maio de 2008*

Primeiro de tudo, Dona Ely ressaltou a importância de discutirmos o documentário como um dos primeiros pontos de pauta, tanto para me deixar livre para andar pelo assentamento, quanto para fazermos, o mais rápido possível, a organização da minha estadia com o coletivo da coordenação. Falou também que não sabia ao certo quais os detalhes do projeto e pediu pra que eu explicasse quais conteúdos seriam abordados e a forma pela qual os abordaria.

Daí esclareci a todos/as os/as presentes sobre a idéia de focar em quatro famílias e retomar esse processo de luta pela terra através da documentação em vídeo.

Foi então que Daniel interveio no sentido de pontuar duas importâncias básicas do projeto para o Movimento:

- a primeira acadêmica, por colocar um estudo sobre o Movimento e sobre o assentamento, resgatando o histórico e memória dos assentados/as sobre a fundação do Olga Benário;

- a segunda para o próprio Movimento, enquanto material de divulgação acerca da realidade dos assentados/as, servindo para articulação e mobilização sociais, até mesmo para fins de trabalho de base.

Analisando os pontos colocados, foi decidido em coletivo, que deveriam ser realizadas entrevistas com três tipos diferentes de moradores:

- a) os que já moravam na região;
- b) os que entraram na área através do processo de ocupação;
- c) os que vieram depois do processo de ocupação, quando o assentamento já estava formado.

Com esses critérios, foram indicados os seguintes nomes: Seu Chico; Dona Luzia; João Batista (Limão); Vicente; Ely; e Juliana.

Outros nomes como Jair, Mauro e Edilei foram citados, devido ao pertencimento com o Movimento.

Após estas considerações, e decidido que eu ficaria na casa de Seu Jair durante o período de gravações, fui conhecer o assentamento, junto do filho de Dona Ely, Gilberto.

Fomos até a casa de Juliana e depois até a casa de Dona Luzia, uma das possíveis entrevistas, que estava fazendo um banheiro com adobe, junto de seu filho. Ela começou a explicar todo o processo de construção da fossa, falou do roçado, da plantação de feijão e sobre várias outras coisas...

Durante este trajeto, pude conversar bastante com Gilberto, que falou da relação com os pais, da vida na cidade grande e dos amigos que sente saudades: reflexos da vida do adolescente e da mudança de raízes, do urbano para o rural.

Acabada a reunião, fui logo para a casa de Seu Jair, meu “anfitrião”, como disse Dona Ely.

Chegando à sua casa, Jair começou a falar do assentamento, em especial de alguns problemas de convivência, relativos ao trabalho com a terra. Segundo ele, reflexos desse costume com a cidade e da falta de lida com o campo. A “fofoca” e a inveja demonstram-se como problemas graves para ele, que não são grandes empecilhos, mas podem dificultar as relações no assentamento.

Enfim, muitas informações para um primeiro dia... fundamentais para o processo de construção do documentário, e, ainda mais, para entender como funciona o assentamento e quais as alegrias e angústias compartilhadas pelos moradores de lá.

A receptividade do pessoal, tanto com minha presença quanto com a temática proposta pelo documentário foi incrível e um ponto crucial, pois, ao falar do

vídeo, houve diversas críticas em relação à atuação da grande mídia, em especial quando ela fala do MST... Uma indignação fala mais alto pelo fato de não retratarem a realidade do Movimento, mostrando somente as ocupações de terra e manifestações, ainda assim sob o entendimento do latifundiário ou empresa afetada.

São muitas questões, diversas dores e delícias... Os problemas e as justificativas se encontram, agora, “mãos á obra”!

### **Trabalho de Campo**

**Dia: 1º de maio de 2008**

**Hora: 7h**

Acordei às 7h e logo fui para a casa de Dona Ely, a fim de conhecer os/as moradores/as a serem entrevistados/as, bem como tinha sido combinado no dia anterior.

Como todos/as ainda estavam dormindo, fui tomar um café e bater um papo na casa de Dona Dalva. Ela falou dos causos em outros acampamentos, das dificuldades da luta pela terra e do próprio Movimento. Enquanto isso assistíamos a um casamento que acontecia no programa da Ana Maria Braga. A animação com a programação da TV é incrível e impressionante em todo lugar...

Às 9h, quando Gilberto acordou, saímos para ir até a casa dos entrevistados/as: Juliana e Luzia não estavam. Vicente estava na lavoura. Já ia perdendo a esperança de encontrar alguém, quando apareceu Vicente no caminho, que marcou a entrevista para a mesma tarde (1º), após o almoço. Limão também estava chegando em casa e decidi marcar para gravarmos na sexta-feira (2).

Voltamos para a casa de Dona Ely, almoçamos e, logo após, eu e Gilberto, que se disponibilizou a me ajudar na realização do documentário, preparamos o material para filmagem.

Já na casa de Seu Vicente, logo encontrei duas jovens que conheci no dia anterior: Paula, filha de Juliana (uma das entrevistadas) e Viviane, filha de Vicente.

A entrevista começou com Seu Vicente acanhado, bastante objetivo, falando rápido, mas logo depois, vendo que a entrevista estava em ritmo de conversa, se soltou mais. Levou-me para conhecer a roça, as plantas que achava interessante, o milho que haviam colhido etc. A mulher e a filha ficaram bastante acanhadas com a presença da câmera e não quiseram falar; não insisti, pois a

liberdade para as famílias se expressarem da maneira que acharem melhor é o mais importante, tanto para trazer o máximo de naturalidade possível ao documentário quanto para obedecer uma metodologia de para realização do mesmo que se pretende coletiva, no que tange aos aspectos de idealização e de produção das filmagens.

O mais interessante é que os jovens, e também Seu Vicente, se interessaram bastante pela técnica de filmagem, ajudando no enquadramento e no ajuste do áudio. Foram sugestões extremamente válidas, já que, com os saberes que tinham, opinaram e viram o que achavam melhor.

Logo após as filmagens, as meninas pediram para tirar foto e uma delas pediu até que eu colocasse para ela as fotos no orkut. Me deu a senha, o nome de usuário... Fiquei meio constrangido pela confiança depositada, mas logo passou.

Finalizada a entrevista, percebi que tinha ficado muito nervoso com a técnica de filmagem utilizada. Esse nervosismo com a manipulação da câmera foi um entrave, mas entendo que esse foi só o primeiro momento, a primeira entrevista, e que a gente vai aprendendo mais e mais com o processo de construção. Mesmo com esses percalços, acho que ficou tudo legal... Só me preocupo um pouco com o som, já que, devido ao vento, tive de utilizar somente o microfone embutido na câmera, mas não é hora para ficar com esse tipo de aflição, né?

Devido ao tempo de chuva, voltamos logo para a casa de Dona Ely, onde acontecia uma das reuniões de núcleo.

É impressionante ver a organização do pessoal: debatem as pautas, fazem os repasses da reunião de coordenação (que aconteceu no dia anterior), propõem encaminhamentos, fazem inscrições quando necessário etc. Pena que nem todos se colocam... Tudo muito parecido com as práticas do Movimento Estudantil de Viçosa...

Acabou que tirei algumas fotos da reunião, das crianças que ficaram fascinadas com a câmera e, nesse meio tempo, ensinei Gilberto a tirar algumas fotos, pois ele se predispôs (já que era feriado e não precisava estudar) a ficar por conta das fotos. Achei muito bom, pois além do interesse que ele demonstrou, surgiu mais uma idéia: produzir um “extra” do DVD com as fotos das filmagens.

Ao final da reunião, Dona Ely me apresentou a todas as famílias integrantes do Núcleo “Santa Helena”. Todos me cumprimentaram, perguntaram do

documentário e daí veio a novidade: Seu Zé Rodrigues ficou tão animado com a realização de um vídeo, que quis também participar das entrevistas!

Agora, além do pessoal que a coordenação do assentamento escolheu, tinha mais um entrevistado. Bom para a comunicação, que quase nunca tem essa atenção especial dentro desse âmbito dos Movimentos Sociais (já que sempre existem outras pautas mais urgentes...) e bom para o protagonismo do pessoal que gostou da idéia. Ponto pro Seu Zé Rodrigues!

Após esse encontro, fui para a casa de Seu Jair, onde conversamos sobre os mais diversos assuntos durante a janta: utilização de agrotóxicos na lavoura, estágio de vivência, fabricação de cachaça, entre outras questões referentes ao assentamento (percepções acerca da convivência em coletivo).

Após o banho, jantei e conversei com a filha e a esposa de Seu Jair, Adaléia e Dona Ângela. Falei bastante sobre minha região, minha família, namoro e tudo mais relacionado à vida pessoal. Fiquei feliz com essa receptividade, principalmente depois de ouvir um pouco sobre a relação, nem sempre tão legal, que o pessoal tem com os estudantes que vão pra lá e vice-versa. Disseram que muitos estudantes “fechados” e “sem muito papo” já foram pro assentamento. Enfim, falta de diálogo é sempre ruim...

Nesse fim de noite lembrei-me de ligar para meus pais e da notícia que havia recebido na manhã deste dia, que um tio meu havia morrido. Por mais que o dia tenha sido ótimo, tive essa triste notícia.

No mais, o dia foi um aprendizado só!

### **Trabalho de Campo**

**Dia: 2 de maio de 2008**

**Hora: 7h30**

Acordei às 7h40, arrumei a câmera, verifiquei as fitas e os horários das entrevistas, pois o dia de hoje será o mais difícil, com a maior quantidade de entrevistas.

Às 9h fui para a casa de Dona Ely e logo, eu e Gilberto, saímos para a casa de Seu Chico, que não demorou muito para começar a falar diante da câmera. Com uma segurança e diálogo de ninguém botar defeito, Seu Chico falou tudo o que

queria. Aproveitou também para mostrar onde seria seu lote e o que estava produzindo no momento (o feijão já começava a crescer).

Após a entrevista, onde, tanto eu quanto o entrevistado, estávamos mais calmos que no dia anterior, aproveitamos para almoçar. A comida de Dona Beth, esposa de Seu Chico, estava maravilhosa! É impressionante a atenção e o bem-estar que o pessoal do assentamento passa pro pessoal, em especial estudantes, que vão visitá-los...

Logo às 13h, fomos para a casa de Juliana, que também estava na casa de Seu Chico e acabou nos ajudando a carregar os materiais de gravação (vide a “falta de educação” do “documentarista”, que deixa o entrevistado carregar o material. Uma fuga dos padrões jornalísticos pré-estabelecidos...).

A entrevista com Juliana durou uns 30 minutos e, da mesma maneira que a entrevista com Seu Chico foi bastante calma, e muito bonita também, pelo fato de fazer nove anos que Juliana participa do MST. Seu amor para com o Movimento é algo irreparável...

Acabada a entrevista, a própria Juliana deu idéia de irmos para a casa de Dona Luzia, que é logo ao lado da sua, para que fizéssemos a entrevista de uma vez, visto que não tínhamos conseguido encontrá-la em casa no dia anterior para marcarmos o dia certo para a entrevista.

Às 14h, quando chegamos à casa de Dona Luzia, conversamos com ela e Seu Zé Miranda... Dona Luzia preferiu fazer a entrevista na companhia de seu companheiro. Fiquei meio preocupado com a movimentação de câmera, pois nunca havia filmado desta maneira, porém, logo vi que essa técnica é bem melhor, pois confere maior dinamicidade à entrevista e também maior conforto aos entrevistados/as. Com isso, essa foi a entrevista mais demorada até então, devido ao fato de ambos responderem as mesmas perguntas, claro que de maneira bastante diferenciada, devido às diferentes perspectivas de mundo, apesar de ambos terem participado juntos de todo processo de construção de militância...

Após muitas conversas e causos contados (em especial, os que mais me chamaram atenção, sobre os estagiários do EIV, que ficaram no Olga no período de março de 2006), fomos direto para a casa de nosso último entrevistado do dia, que ficava do outro lado do assentamento, no Núcleo Santa Helena, Seu José Rodrigues.

Depois de muito caminhar, eu e Gilberto chegamos à casa de Seu Zé, que logo trocou de roupa, ficou na beca, e partiu para as filmagens.

Em 20 minutos terminamos tudo. Seu Zé Rodrigues é bala na agulha: objetivo, sem muitos rodeios, respondendo tudo com muita confiança...

Fomos, então, para uma casa onde as mulheres estavam fazendo pão e fizemos mais algumas filmagens... quem sabe não colocaríamos Dona Preta ensinando a fazer rosquinhas de polvilho no documentário também?

Voltamos para a casa de Seu Jair lá pelas 18h. O dia foi extremamente cansativo, principalmente porque não tínhamos transporte para carregar todo o material, tendo de ir a pé para todos os lugares...

Ainda, quando chegamos, para minha surpresa, a Gabriela, neta de Seu Jair, estava fazendo aniversário!

Acabou que conheci toda a família, conversamos bastante sobre política e jornalismo, mas o mais legal é que eu e Adaléia, filha de Seu Jair e mãe de Gabriela, conversamos muito sobre o MST e a Universidade... Ela falou de como foi a entrada no Movimento, os problemas pelos quais passou e também sobre a vontade de cursar Jornalismo.

Enfim, foi um dia ótimo de trabalho. Cansativo, mas ótimo... Muitos aprendizados. Amanhã será o último dia de filmagens. Espero que ocorra tudo bem, com calma e alegria, assim como foi tudo até agora...

### **Trabalho de Campo**

**Dia: 3 de maio de 2008**

**Hora: 8h**

Acordei às 8h, devido ao cansaço do dia anterior, conferi os materiais de gravação e logo fui para a casa de Dona Ely.

Já eram 9h quando consegui conversar com Gilberto, que estava sozinho em casa, pois todos estavam com outros/as moradores/as do trabalhando em coletivo num galpão do assentamento.

Cheguei ao local lá pelas 9h30 e logo, com câmera em punho, pedi a Dona Ely que me apresentasse os que todos estavam fazendo. Ela explicou tudo com maestria! Falou da organização proposta pelo Movimento e das diferenças existentes entre os núcleos.

Depois, João Batista (apelidado de Limão), veio pedir para que mudássemos o horário da entrevista, que seria às 13h... Acabou que fizemos a entrevista na mesma hora!

Finalizamos tudo em 20 minutos. Limão falava rápido, com muita clareza também... Depois de muita conversa sobre os causos antigos sobre do tempo que ele trabalhava como vaqueiro pro antigo dono da fazenda, voltei para almoçar na casa de Dona Ely, que seria minha última entrevistada.

Chegando lá, almoçamos e Dona Ely e Dona Dalva falavam bastante sobre os problemas que viam no assentamento... Falaram como foi a chegada das duas, sobre a diferença que sentiram na linha política que era adotada por elas em outros acampamentos, que, segundo ela, é um pouco diferente da que adotavam no Olga... Não entrou em muitos detalhes.

Às 14h começamos a entrevista, junto de Dona Dalva, que foi chamada por Dona Ely para contar sua história também.

A entrevista foi longa, durou quase uma hora! Mas também muito boa, pois ambas falaram muito de vida, de luta, de saberes e aflições, da esperança de constituir uma vida melhor, assim como todos os outros entrevistados, cada um a sua maneira...

Depois da entrevista, fui à casa de Juliana, pois ela me emprestou um DVD com imagens antigas da fundação do assentamento. Como levei a câmera fotográfica e restaram diversas fotos, tive a idéia de fazer um *stop-motion* do caminho até a casa de Juliana. O resultado dessa brincadeira eu vou ver só quando estiver em Viçosa.

Voltando da casa de Juliana, quase que pego uma chuva brava, praticamente um pé d'água!

Sorte que estava próximo a uma marquise, onde o pessoal todo que brincava no campo foi se abrigar. Ficamos todos lá conversando até a chuva passar...

Voltando para casa de Seu Jair, combinei com Gilberto o horário de saída do ônibus para Viçosa, já que ele havia se disposto no dia anterior a me ajudar a levar os materiais até a rodoviária.

Após a janta, lá pelas 19h30, fiz a última entrevista (mais uma conversa informal), dessa vez com o gravador, com o Seu Jair, já que ele nasceu e morou

toda vida naquelas terras. O objetivo era perceber como a região era antes da chegada do MST, como se organizavam as relações de trabalho na antiga Usina etc.

Conversamos até às 21h, e logo fui dormir, já que o ônibus saia às 5h30 no dia seguinte.

Por fim, as filmagens terminaram e minha “experiência de campo” enquanto documentarista também. Percebi que esse foi diferente de outros momentos como o Estágio de Vivência, pois dessa vez as relações me pareceram (e foram), mais espontâneas e o diálogo mais aprazível, mesmo porque, vejo que as mudanças propostas pelo EIV e outros espaços de formação, como os encontros do TEIA, os Encontros de Movimentos Sociais em BH, entre outros, trouxeram um processo de abertura que foi fundamental não só para a realização do trabalho, mas para o entendimento do que o MST representa.

Esse aprendizado todo não foi importante somente para a monografia, mas para vida... **Aprender sobre a luta do povo nos ensina a lutar junto dele também.**

Enfim, felicidade que não acaba, angústia que não tem fim, mas como diz o pessoal lá do Olga: “O negócio é seguir lutando...”